

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

ANA PAULA MATIAS

**O IMPACTO DA CONSTRUÇÃO DA BR – 101 SOBRE O CRESCIMENTO
ECONÔMICO NA MESORREGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS - UMA
ANÁLISE QUALITATIVA (1960-2000)**

**FLORIANÓPOLIS
2010**

ANA PAULA MATIAS

**O IMPACTO DA CONSTRUÇÃO DA BR - 101 SOBRE O CRESCIMENTO
ECONÔMICO NA MESORREGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS - UMA
ANÁLISE QUALITATIVA (1960-2000)**

Monografia apresentada ao Curso de
Ciências Econômicas da
Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em
Ciências Econômicas.

Orientador: Professor Dr. João
Rogério Sanson

**FLORIANÓPOLIS
2010**

Ana Paula Matias

**O IMPACTO DA CONSTRUÇÃO DA BR - 101 SOBRE O CRESCIMENTO
ECONÔMICO NA MESORREGIÃO DA GRANDE FLORIANÓPOLIS - UMA
ANÁLISE QUALITATIVA (1960-2000)**

Esta monografia foi julgada adequada para obtenção do grau de Bacharel em Ciências Econômicas, e aprovada em sua forma final pelo Curso de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Professor Dr. João Rogério Sanson

Professores que compuseram a banca:

Prof. (a). Msc. Reginete Panceri

Prof. Dr. Silvio Antônio Ferraz Cario

Florianópolis, 06 de dezembro de 2010

AGRADECIMENTOS

Ao meu amor Leandro, grande incentivador nessa jornada acadêmica, pela paciência, companheirismo, e dedicação. Obrigada por ter me encorajado a buscar meus objetivos, e a ter estado sempre ao meu lado, te amo.

À minha família, em especial a minha mãe Noeli, por ter se esforçado tanto para que eu pudesse estar me formando hoje e por ter me ensinado o significado de palavras importantes como: dignidade, honestidade e humildade.

Ao meu professor, orientador João Rogério Sanson, por ter me recebido com tanto carinho todas as vezes que precisei, pelas conversas, pelos ensinamentos, por sempre ter lido tudo que escrevi com comprometimento e dedicação, muito obrigada.

Às bibliotecárias do IBGE, Bernadete e Fátima, que sempre foram atenciosas em todas minhas visitas, que passaram tardes inteiras auxiliando na coleta dos dados.

A Deus por ter me dado força e iluminação nos momentos em que pensei que não seria possível seguir em frente.

Aos amigos que compartilharam dessa fase da minha vida e que a tornou mais leve, me fazendo sorrir nos momentos mais difíceis.

Enfim, a todos que de alguma forma contribuíram e me apoiaram para chegar até aqui.

*“A sabedoria é muitas vezes
mais útil aos outros do que
aqueles que a possuem. O que
sabemos é uma gota, o que
ignoramos é um oceano”.*

Isaac Newton

RESUMO

MATIAS, Ana Paula. *O impacto da construção da BR - 101 sobre o crescimento econômico na Mesorregião da Grande Florianópolis - uma análise qualitativa (1960-2000)*. 2010. 71 pag. Monografia (Ciências Econômicas) – Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

Orientador: João Rogério Sanson, Dr.

O objetivo geral dessa pesquisa consiste em analisar o impacto da construção da rodovia BR-101 na Mesorregião Grande Florianópolis. Para tal, verificou-se a importância do setor de transportes no Brasil e na integração nacional, e o quanto é relevante haver políticas públicas voltadas para a infra-estrutura através da ótica de variados autores. Fez-se ainda uma breve análise sobre os aspectos econômicos de Santa Catarina, a integração micro e macrorregional, um histórico sobre a construção da BR-101 e a necessidade percebida de sua duplicação. Efetuou-se a coleta dos dados censitários através do IBGE para os municípios que abrangem a Mesorregião Grande Florianópolis para população, indústria, comércio e serviços. Os dados coletados foram comparados com Brasil, Santa Catarina e os municípios mais influentes da mesorregião que são: Florianópolis, Palhoça e São José. Após a inauguração da rodovia BR-101 na década de 70, constataram-se algumas transformações na economia local, que resultou num crescimento populacional da área urbana, gerada também pela atração de migrantes além do êxodo rural. Percebeu-se também que houve crescimento no setor industrial e comercial, mas principalmente uma explosão do setor de serviços, influenciada diretamente pelo município de Florianópolis. Além da inauguração da BR-101, a perspectiva das obras de duplicação da mesma na década de 90 também representou crescimento da economia da Mesorregião, embora em proporções menores.

Palavras-chave: BR-101; Mesorregião Grande Florianópolis; Crescimento econômico.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Zona Fisiográfica Grande Florianópolis 1960	15
Figura 2 Microrregião de Florianópolis em 1970 e 1980.....	16
Figura 3 Divisão da Mesorregião Grande Florianópolis em 1991	17
Figura 4 Divisão da Mesorregião Grande Florianópolis em 2000	17
Figura 5 Mesorregião Grande Florianópolis	18
Figura 6 Traçado da rodovia BR-101	31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Número de estabelecimentos e de pessoal ocupado no setor comercial na Mesorregião Grande Florianópolis em relação a 1970.....	40
Gráfico 2 Comparativo da relação do total de estabelecimentos no setor comercial na Mesorregião Grande Florianópolis no total de Brasil e Santa Catarina e Santa Catarina em relação ao Brasil. Período: 1960-2000	45
Gráfico 3 Comparativo da relação do total de pessoal ocupado no setor comercial na Mesorregião Grande Florianópolis no total de Brasil e Santa Catarina e Santa Catarina em relação ao Brasil. Período: 1960-2000	45
Gráfico 4 Número de estabelecimentos e de pessoal ocupado no setor de serviços na Mesorregião Grande Florianópolis em relação a 1970.....	47
Gráfico 5 Comparativo da relação do total de estabelecimentos no setor de serviços na Mesorregião Grande Florianópolis no total de Brasil e Santa Catarina e Santa Catarina em relação ao Brasil. Período: 1960-2000	50
Gráfico 6 Comparativo da relação do total de pessoal ocupado no setor de serviços na Mesorregião Grande Florianópolis no total de Brasil e Santa Catarina e Santa Catarina em relação ao Brasil. Período: 1960-2000	51
Gráfico 7 Número de estabelecimentos e de pessoal ocupado no setor industrial na Mesorregião Grande Florianópolis em relação a 1970.....	52
Gráfico 8 Comparativo da relação Produtividade da Mesorregião e Santa Catarina com o Brasil e da Mesorregião com Santa Catarina. Período: 1960-1985.....	58

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Composição dos municípios 1960-2000.....	14
Tabela 2 Extensão da Rede Rodoviária no Brasil de 1966 a 1975 e de 2000-2004.....	22
Tabela 3 Percentual de mercadorias transportadas no Brasil, segundo o meio de transporte - Período: 1960-80	23
Tabela 4 População total do Brasil, Santa Catarina e Mesorregião Grande Florianópolis 1960 – 2000	33
Tabela 5 Comparativo da População total da Mesorregião Grande Florianópolis, Florianópolis, São José e Palhoça 1960 - 1980	35
Tabela 6 Prestação de Serviços na Mesorregião Grande Florianópolis - Período: 1960-1980	37
Tabela 7 Setor Comercial - Estabelecimentos e Pessoal Ocupado do Brasil, Santa Catarina, e a Mesorregião Grande Florianópolis	41
Tabela 8 Participação do pessoal ocupado no Comércio na população economicamente ativa - Período 1960 – 2000.....	44
Tabela 9 Prestação de Serviços - Estabelecimentos e Pessoal Ocupado no Brasil, Santa Catarina Mesorregião Grande Florianópolis 1960 – 2000	48
Tabela 10 Participação do pessoal ocupado no setor de serviços na população economicamente ativa - Período 1960 – 2000.....	49
Tabela 11 Setor Industrial da Mesorregião Grande Florianópolis – 1960-2000	54
Tabela 12 Setor Industrial do Brasil – 1960-2000.....	55
Tabela 13 Setor Industrial de Santa Catarina – 1960-2000.....	56
Tabela 14 Participação do pessoal ocupado na Indústria na população economicamente ativa	59

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 TEMA E PROBLEMA.....	10
1.2 OBJETIVOS.....	11
1.2.1 Objetivo Geral.....	11
1.2.2 Objetivos Específicos.....	11
1.3 JUSTIFICATIVA.....	12
2 METODOLOGIA.....	13
3 REFERENCIAL TEÓRICO.....	19
3.1 A IMPORTÂNCIA DOS TRANSPORTES NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E NA INTEGRAÇÃO NACIONAL.....	19
3.2 A EVOLUÇÃO DOS TRANSPORTES NO BRASIL.....	21
3.3 O PLANEJAMENTO EM TRANSPORTES.....	24
3.4 POLÍTICAS PÚBLICAS.....	25
3.5 ASPECTOS ECONÔMICOS DE SANTA CATARINA.....	26
3.6 INTEGRAÇÃO MICRO E MACRORREGIONAL NO ESTADO CATARINENSE.....	28
3.7 HISTÓRICO DA RODOVIA BR-101.....	30
4 DESENVOLVIMENTO DA MESORREGIÃO GRANDE FLORIANÓPOLIS NO PERÍODO DE 1960-2000.....	33
4.1 TRANSFORMAÇÕES NA MESORREGIÃO A PARTIR DA DÉCADA DE 60.....	33
4.2 INFLUÊNCIA DOS MUNICÍPIOS DE FLORIANÓPOLIS, PALHOÇA E SÃO JOSÉ NO DESENVOLVIMENTO DA MESORREGIÃO GRANDE FLORIANÓPOLIS 1960- 1980.....	36
5 INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS NA MESORREGIÃO GRANDE FLORIANÓPOLIS COMPARADOS COM BRASIL E SANTA CATARINA 1960-2000...	38
5.1 SETOR COMERCIAL.....	39
5.2 SETOR SERVIÇOS.....	46
5.3 SETOR INDUSTRIAL.....	51
6 CONCLUSÃO.....	60
REFERÊNCIAS.....	63
ANEXOS.....	66

1 INTRODUÇÃO

O presente capítulo consiste em apresentar o tema e problema da referida monografia, como também expor os objetivos gerais e específicos que conduziram o desenvolvimento do estudo realizado, e a justificativa para a elaboração do mesmo.

1.1 TEMA E PROBLEMA

Atualmente existe uma linha de pesquisa no Departamento de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Santa Catarina a respeito da influência no crescimento econômico das cidades do Estado de Santa Catarina proporcionado pela construção da rodovia BR-101. Seguindo a mesma linha de pesquisa, o propósito desse estudo consiste em analisar o impacto sobre o crescimento econômico na Mesorregião Grande Florianópolis em virtude da construção da BR-101 entre 1960 e 2000. O período se justifica por estar entre a década anterior à inauguração da rodovia e o ano do último Censo realizado pelo IBGE.

Nos trabalhos realizados anteriormente, é conveniente destacar: Longhi (2003) que avaliou o desenvolvimento sócio econômico de Florianópolis com a construção da BR-101 e pôde verificar um crescimento populacional na região acima da taxa de crescimento do Brasil e de Santa Catarina, resultando no desenvolvimento do setor de serviços e turismo após a década de 70; Meurer (2004) que focou nos municípios de Palhoça e São José avaliando se o crescimento econômico dessas regiões esteve associado à construção da rodovia, observou uma explosão demográfica que influenciou no desenvolvimento do comércio, indústria e setor de serviços; e Nunes (2008) que fez uma análise dos fluxos migratórios pós-BR-101 do interior para o litoral, concluindo que a rodovia proporcionou o crescimento das regiões litorâneas por ela afetadas, fazendo com que os migrantes catarinenses se deslocassem para essas regiões em busca de empregos e salários diferenciados.

Nas pesquisas realizadas também foi considerado o contexto histórico nacional que influenciou a economia das regiões estudadas, juntamente com obras de diferentes autores especialistas em gastos públicos, infra-estrutura, e sistema de transporte de cargas rodoviário.

Visto que o Brasil passou a fazer altos investimentos em infra-estrutura, no final da década de 60 e início da década de 70, época do "milagre econômico", e aproveitando esse

clima de prosperidade foi inaugurada a BR-101, visando colaborar para o crescimento econômico do país.

Até então na linha de pesquisa acima mencionada, os estudos em torno das conseqüências da construção da BR-101 foram direcionados nas análises de cada município individualmente, ou seja, selecionava-se uma cidade e fazia-se um estudo econômico separadamente. Pretendeu-se na presente pesquisa separar a Mesorregião Grande Florianópolis – todos os municípios abrangidos por ela – e fazer a análise qualitativa da região, analisando os impactos econômicos após a construção da citada rodovia.

Objetivou-se esclarecer algumas questões do tipo: Por que dentro de uma mesma mesorregião alguns municípios desenvolveram-se mais do que outros? Será que foi por influência da rodovia BR-101? Encontraram uma forma alternativa de desenvolvimento?

Observou-se de que forma uma obra de infra-estrutura, como a construção da rodovia BR-101, afeta o crescimento econômico de determinada região e os impactos sentidos dentro da mesorregião afetada pela execução da obra.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral dessa pesquisa é analisar o impacto sobre o crescimento econômico na Mesorregião da Grande Florianópolis em virtude da construção da BR-101, fazer uma análise qualitativa entre os anos de 1960 a 2000.

1.2.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos desse estudo consistem em:

- dividir as regiões afetadas pela construção da rodovia em mesorregiões visando uma análise diferenciada;
- verificar se a mesorregião desenvolveu-se após a construção da rodovia analisando as mudanças na estrutura setorial da economia regional;

- verificar se a construção da BR-101 favoreceu alguns municípios dentro da mesorregião estudada ou prejudicou outros, essa diferenciação será analisada também com base em mudanças na estrutura setorial de cada município.

1.3 JUSTIFICATIVA

Tendo em vista que os trabalhos realizados até o momento sobre os impactos econômicos da construção da BR-101 focavam em municípios isolados, essa pesquisa justifica-se por começar um estudo por mesorregiões, iniciando pela Mesorregião Grande Florianópolis. Dentro dessa perspectiva será observado o período de 1960 a 2000, um pouco mais extenso do que os anteriores que observaram até a década de 80, analisando qualitativamente e internamente os impactos econômicos gerados pela construção da rodovia.

2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada na elaboração dessa monografia contou com uma análise qualitativa dos impactos causados pela construção da rodovia BR101 na Mesorregião Grande Florianópolis através de dados objetivos e o parecer de alguns teóricos visando dar embasamento ao estudo.

O IBGE divide o território catarinense atualmente em Mesorregiões e Microrregiões, mas nem sempre foi assim: em 1960 os municípios eram divididos em Zonas Fisiográficas, em 1970 e 1980 foram divididos em Microrregiões, e somente em 1991 é que o IBGE iniciou uma nova metodologia de pesquisa dividindo os municípios em Mesorregiões e Microrregiões.

A Mesorregião Grande Florianópolis é composta por três microrregiões: Tijucas, que abrange os municípios de Angelina, Canelinha, Leoberto Leal, Major Gercino, Nova Trento, São João Batista e Tijucas; Florianópolis que inclui Antônio Carlos, Biguaçu, Florianópolis, Governador Celso Ramos, Palhoça, Paulo Lopes, Santo Amaro da Imperatriz, São José e São Pedro de Alcântara; e Tabuleiro que abrange Águas Mornas, Alfredo Wagner, Anitápolis, Rancho Queimado e São Bonifácio.

A Zona Fisiográfica em 1960 pouco difere da Mesorregião em 1991 e 2000, a diferença consiste basicamente na emancipação de alguns municípios que eram agregados de outros, não prejudicando dessa forma o espaço geográfico analisado em 1960 e 2000.

Pretendia-se num primeiro momento fazer uma análise utilizando as microrregiões do Estado de Santa Catarina, porém essa alternativa tornou-se inviável em virtude das diversas modificações feitas na composição dos municípios a cada Censo: 1960-1970-1980-1991 e 2000. Considerando que em 1960, as maiorias dos municípios ainda eram distrito de outros, passando à condição de município a partir de 1961 ficou impossível uma análise homogeneizada geograficamente para as décadas seguintes. Diante do exposto decidiu-se trabalhar com as mesorregiões do Estado de Santa Catarina, mais precisamente a Mesorregião Grande Florianópolis.

A Tabela 1 demonstra a composição dos municípios e as mudanças ocorridas no decorrer das décadas:

Tabela 1 Composição dos municípios 1960-2000

1960 Zona Fisiográfica	1970 Microrregião	1980 Microrregião	1991 Mesorregião	2000 Mesorregião	Municípios analisados
Biguaçu,	Biguaçu	Biguaçu	Biguaçu	Biguaçu	Biguaçu
			Antonio Carlos	Antonio Carlos	Antonio Carlos
	Governador Celso Ramos	Governador Celso Ramos	Governador Celso Ramos	Governador Celso Ramos	Governador Celso Ramos
Florianópolis	Florianópolis	Florianópolis	Florianópolis	Florianópolis	Florianópolis
Palhoça	Palhoça	Palhoça	Palhoça	Palhoça	Palhoça
	Paulo Lopes	Paulo Lopes	Paulo Lopes	Paulo Lopes	Paulo Lopes
	Garopaba	Garopaba	São Bonifácio	São Bonifácio	São Bonifácio
Garopaba					
Santo Amaro da Imperatriz	Santo Amaro da Imperatriz	Santo Amaro da Imperatriz	Santo Amaro da Imperatriz	Santo Amaro da Imperatriz	Santo Amaro da Imperatriz
			Águas Mornas	Águas Mornas	Águas Mornas
			Anitápolis	Anitápolis	Anitápolis
São José	São José	São José	São José	São José	São José
			Rancho Queimado	Rancho Queimado	Rancho Queimado
			Angelina	Angelina	Angelina
São Pedro de Alcântara	São Pedro de Alcântara				
Porto Belo	Porto Belo	Porto Belo	-	-	-
Tijucas	Tijucas	Tijucas	Tijucas	Tijucas	Tijucas
			Canelinha	Canelinha	Canelinha
Nova Trento	-	-	Nova Trento	Nova Trento	Nova Trento
			Leoberto Leal	Leoberto Leal	Leoberto Leal
Camboriú	-	-	-	-	-
São João Batista	-	-	São João Batista	São João Batista	São João Batista
			Major Gercino	Major Gercino	Major Gercino
-	-	-	Alfredo Wagner	Alfredo Wagner	-

Fonte: Censo Demográfico IBGE 1960-1970-1980-1991-2000.

Algumas alterações se fizeram necessárias para manter a lógica espacial dos municípios analisados. O município de Garopaba foi incorporado nos Censos de 1991 e 2000 mesmo não pertencendo mais à Mesorregião Grande Florianópolis, pois em 1960 pertencia à Palhoça não sendo possível desmembrá-lo na época. Hoje esse município pertence à Mesorregião Sul Catarinense. Os municípios de Porto Belo e Camboriú que pertenciam à Zona Fisiográfica de Florianópolis em 1960 não foram contabilizados na pesquisa, pois a partir do Censo de 1970 não pertenciam mais a Florianópolis. O município de Alfredo Wagner que em 1991 e 2000 já pertencia à Mesorregião Grande Florianópolis teve de ser excluído, pois em 1960 pertencia ao município de Bom Retiro que não pertencia a Florianópolis, impossibilitando sua análise nos Censos posteriores. Nos anos de 1970 e 1980 foram incorporados os municípios que não faziam parte da microrregião e que hoje fazem parte da Mesorregião que são: Águas Mornas, Angelina, Anitápolis, Antônio Carlos, Canelinha, Leoberto Leal, Major Gercino, Nova Trento, Rancho Queimado, São Bonifácio e São João Batista.

As Figuras 1,2,3,4, apresentam mais claramente o espaço geográfico utilizado na análise dos municípios entre 1960-2000

Figura 1 Zona Fisiográfica Grande Florianópolis 1960



Fonte: www.belasantacatarina.com.br

A Figura 1 destaca os municípios que faziam parte da Zona fisiográfica da Grande Florianópolis em 1960: Camboriú, Porto Belo, Tijucas, São João Batista, Nova Trento, Biguaçu, São José, Palhoça, Florianópolis e Santo Amaro da Imperatriz. Para adequar à análise da Mesorregião foi necessário excluir os municípios de Camboriú e Porto Belo.

Figura 2 Microrregião de Florianópolis em 1970 e 1980



Fonte: www.belasantacatarina.com.br

A Figura 2 demonstra os municípios que faziam parte da Microrregião de Florianópolis entre 1970-1980: Florianópolis, Porto Belo, Tijucas, São José, Governador Celso Ramos, Biguaçu, Santo Amaro da Imperatriz, Palhoça, Garopaba e Paulo Lopes. Para se fazer a análise da Mesorregião Grande Florianópolis incluiu-se os municípios de: Águas Mornas, Angelina, Anitápolis, Antônio Carlos, Canelinha, Leoberto Leal, Major Gercino, Nova Trento, Rancho Queimado, São Bonifácio e São João Batista.

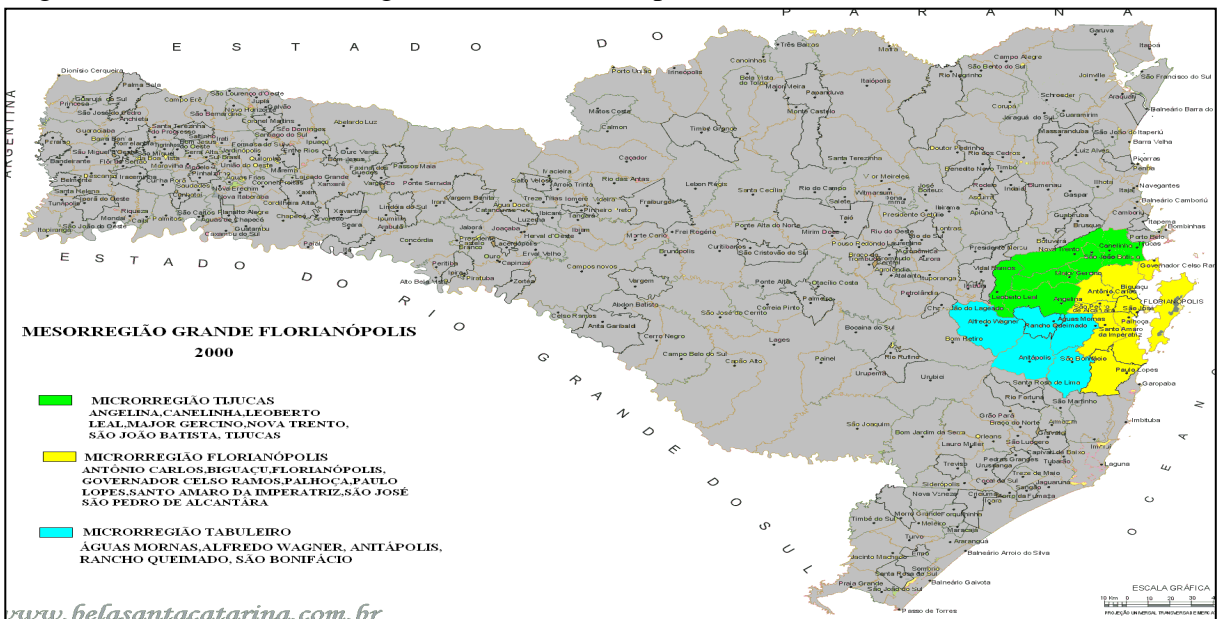
Figura 3 Divisão da Mesorregião Grande Florianópolis em 1991



Fonte: www.belasantacatarina.com.br

A Figura 3 já apresenta a divisão em Mesorregiões. Para se manter um espaço geográfico homogêneo foi necessário excluir Alfredo Wagner (que em 1960 pertencia a Bom retiro) e incluir o município de Garopaba que a partir desse Censo não fez mais parte da Mesorregião Grande Florianópolis.

Figura 4 Divisão da Mesorregião Grande Florianópolis em 2000



Fonte: www.belasantacatarina.com.br

A Figura 4 é muito parecido com o Mapa 3, apenas foi incluído o município de São Pedro de Alcântara que emancipado de São José em 1994. Para a análise desse trabalho também foi excluído o município de Alfredo Wagner e incluído Garopaba.

Figura 5 Mesorregião Grande Florianópolis



Fonte: www.belasantacatarina.com.br

A Figura 5 apresenta o conjunto de municípios que compõem a Mesorregião Grande Florianópolis para a análise desse trabalho com todas as modificações necessárias. São eles: Biguaçu, Antonio Carlos, Governador Celso Ramos, Florianópolis, Palhoça, Paulo Lopes, São Bonifácio, Garopaba, Santo Amaro da Imperatriz, Águas Mornas, Anitápolis, São José, Rancho Queimado, Angelina, São Pedro de Alcântara, Tijucas, Canelinha, Nova Trento, Leoberto Leal, São João Batista e Major Gercino.

Todos os dados foram coletados junto ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), além de sites, revistas, jornais que estiverem relacionados ao objetivo proposto.

A coleta dos dados econômicos foi um pouco diferenciada da coleta dos dados demográficos, devido às mudanças metodológicas do IBGE. Os dados demográficos foram coletados dos Censos realizados em 1960-1970-1980-1991 e 2000. Os dados econômicos referentes à indústria comércio e serviços abrangeram períodos diferentes: no período de 1960-1980, foram coletados dos Censos. Em 1991 não houve Censo econômico, então foi utilizado o Censo de 1985. A partir de então o IBGE substituiu os Censos Econômicos por Pesquisas Anuais de Indústria, Comércio e Serviços, das quais foi utilizada a pesquisa anual de 1996 e 2000.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Fez-se uma breve abordagem da importância do setor de transportes no desenvolvimento econômico regional e seu papel na integração da economia brasileira.

Analisou-se de que forma uma obra de infra-estrutura como a construção de uma estrada ou rodovia pode afetar o desenvolvimento socioeconômico de uma região e quais benefícios diretos ou indiretos ela poderá proporcionar para as regiões ao seu redor.

Na mesma perspectiva tratou-se das políticas públicas e do planejamento do setor de transportes, verificando o grau de investimentos no setor rodoviário de acordo com as diferentes regiões.

Finalmente deu-se um breve enfoque sobre a economia catarinense, integração micro e macro regional e o sistema rodoviário do Estado.

3.1 A IMPORTÂNCIA DOS TRANSPORTES NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E NA INTEGRAÇÃO NACIONAL

Em pesquisas realizadas anteriormente é unânime a conclusão de que o bom andamento do sistema de transportes é primordial para o crescimento econômico, a estabilidade política, o bem-estar social e a integração regional. Essa relação é facilmente constatada na colocação de Graciano (1971, p. 11):

Transportes são itens da máxima importância para o desenvolvimento econômico, a estabilidade política e o bem-estar social de um povo. São as artérias básicas e as veias saudáveis por onde corre o sangue vital do desenvolvimento nacional.

Além de exaltar a importância do sistema de transportes na economia, também é dada ênfase na importância das estradas no processo de integração nacional. Esta questão também é levantada por Graciano (1971, p. 13):

As rodovias e ferrovias prestam-se não só à interligação entre as diversas regiões de um país, mas também constituem vias de penetração, colonização e integração de vastas porções do seu território na comunidade nacional, fazendo-as participar dos benefícios da evolução cultural, do desenvolvimento econômico e da prosperidade social da Pátria comum.

A importância da integração nacional para o desenvolvimento econômico e social, e o papel dos transportes nessa integração, ainda é reforçada por Graciano (1971, p. 55) “a

integração econômica consiste no estabelecimento e ampliação dos contatos e ligações econômicas das regiões entre si, complementando-se mutuamente e promovendo mutuas vantagens que vão redundar no desenvolvimento econômico e social das regiões integradas e do país, palco dessa integração”.

No entanto fica difícil falar em integração se o governo não se empenhar em prover o desenvolvimento do país através de políticas direcionadas para o setor de transportes. Isso é confirmado na colocação de Graciano (1971, p. 56) “uma boa política de integração nacional exige eficientes redes nacionais de transportes em condições de oferecer serviços inter-regionais baratos, regulares, sérios, rápidos e seguros”.

Para aprofundar-se ainda mais na questão, segundo Barat (1978, p. 9) “o setor de transportes tem importância fundamental na operação do sistema econômico, pois os serviços que produz são praticamente, absorvidos por todas as unidades produtivas.”

Levando-se em consideração que o sistema de transportes é fundamental para o crescimento econômico de um país e que para isso é necessário haver uma eficiente rede de transportes para prover uma boa integração, não se pode negar a necessidade de investimentos em infra-estrutura no setor, segundo Torres (2009, p. 23) “existe uma dependência mútua entre infra-estrutura e crescimento econômico, infra-estrutura causa crescimento, mas crescimento aumenta a demanda por infra-estrutura”.

O investimento em infra-estrutura no setor de transportes pode reduzir os custos de transportes, refletindo diretamente no desenvolvimento econômico e bem-estar social, essa questão é levantada por Torres (2009, p. 26): “Uma melhoria na infra-estrutura tenderá assim a reduzir os custos de transporte e, conseqüentemente, os custos dos produtos para os quais o transporte é um insumo, afetando as regiões e os setores de maneira distinta”.

A eficiência do setor de transportes depende de investimentos em infra-estrutura, mas também de planejamento para que seja viabilizada. Segundo Barat (1979, p. 18) “o planejamento, além de representar uma intervenção no mercado para corrigir desequilíbrios na estrutura de produção, é também um instrumento de mobilização social para promover transformações econômicas”.

Observado a geografia brasileira, em face à sua extensão territorial e suas diferenças regionais, o planejamento torna-se necessário para direcionar os investimentos adequadamente. Nas palavras de Resende (1973, p. 7) “o planejamento rodoviário no Brasil requer soluções próprias e singulares, à vista da extensão territorial do país, de sua distribuição demográfica, e particularmente em virtude das diferenças regionais de níveis de renda e desenvolvimento econômico”.

Visto todas essas argumentações, é notória a necessidade de investimentos em infraestrutura rodoviária, política econômica e planejamento econômico, pois um sistema de transportes eficaz é vital para o crescimento e desenvolvimento de um país, proporcionando a integração regional e o bem-estar social.

3.2 A EVOLUÇÃO DOS TRANSPORTES NO BRASIL

Apesar da infra-estrutura em transportes ser primordial para o crescimento econômico, ela não ocorreu de maneira uniforme, ou seja, o investimento desigual proporcionou o desenvolvimento de algumas regiões e o isolamento de outras. Porém esses investimentos passaram a ser mais vultosos a partir da década de 60, início da década de 70, devido ao “milagre econômico”.

Segundo Barat (1978, p. 5) “é interessante ressaltar que para o período de 1960-70, a proporção dos investimentos em transportes no Brasil é bastante alta, relativamente aos padrões internacionais.” Neste período também se constata que o setor de transporte tem significativa participação no Produto Interno Bruto (PIB), no emprego e mão de obra. Conforme argumentação de Barat (1978, p. 9) “além da elevada participação que o setor de transportes tem na formação do Produto Interno Bruto e na formação bruta de capital fixo, ele representa uma significativa participação no emprego de mão-de-obra para os mais diversos níveis de qualificação.”

Nesse período verificou-se uma demanda maior por transportes que resultou em maiores investimentos em infra-estrutura. Segundo Torres (2009, p. 29): “melhorias na infra-estrutura de transportes podem proporcionar não só um aumento dos fluxos, mas também uma reorganização da produção e da distribuição, tornando-as mais intensivas na utilização de transportes”.

Através da Tabela 2 é possível averiguar a extensão da rede rodoviária no Brasil e sua evolução entre 1966-1975 e de 2000-2004.

Tabela 2 Extensão da Rede Rodoviária no Brasil de 1966 a 1975 e de 2000-2004

Anos	Extensão (Km)		
	Total	Pavimentada	Não-pavimentada
1966	913.199	30.924	882.275
1967	980.811	35.492	945.319
1968	1.038.016	40.740	997.276
1969	1.081.535	45.251	1.036.284
1970	1.144.630	50.148	1.094.482
1971	1.212.680	54.165	1.158.515
1972	1.254.103	59.650	1.194.459
1973	1.298.339	70.438	1.227.901
1974	1.347.857	77.132	1.270.725
1975	1.417.585	83.761	1.333.824
-	-	-	-
2000	1.579.129	164.997	1.414.132
2001	1.598.297	170.903	1.427.394
2002	1.598.825	172.880	1.425.945
2003	1.597.375	181.763	1.415.612
2004	1.610.077	196.095	1.413.982

Fontes: Anuário Estatístico dos Transportes (1971/1975) - *apud* Meurer, 2004, p.22.
Anuário Estatístico dos Transportes (2000/2004).

Nota: Extensão total = Rede Rodoviária Federal + rede Rodoviária Estadual + Rede Rodoviária Municipal.
- Não foram encontrados dados disponíveis para o período de 1976-1999.

Ao analisar os dados constata-se que no período de 1966-70 a extensão da rede rodoviária total no Brasil apresentou crescimento de 25,34%, enquanto que no mesmo período a rede de rodovias pavimentadas evoluiu 62,16%. No período seguinte 1970-1975 a rede rodoviária total cresceu 23,85. No período total de 1966-1975 observa-se que a rede pavimentada cresceu 170,86% e a rede não pavimentada 51,18%. Percebe-se que ocorre uma ampliação da rede rodoviária.

Devido à falta de dados disponíveis a análise da Tabela 2 continua a partir do ano 2000 até 2004. Percebe-se que de 1975 a 2000 a rede pavimentada cresceu 96,9% enquanto que a não pavimentada apenas 6,02%. Desse período em diante apenas a rede pavimentada apresentou crescimento, isso mostra que entre 2000 e 2004 não houve uma ampliação da rede rodoviária e sim investimentos da rede já existente.

Sendo o transporte rodoviário responsável por 73% das toneladas-quilômetros do período. Essa diferença tendeu a tornar-se mais acentuada. Na argumentação de Barat (1978, p.56) “pode-se dizer que a expansão dos investimentos rodoviários deveu-se primeiramente à

sua proporção mais baixa de custos fixos, possibilitando numa economia em desenvolvimento, melhor utilização dos recursos escassos”.

Verifica-se que o sistema de transportes sofria com a falta de integração entre suas diferentes modalidades – rodoviário, ferroviário, marítimo e aéreo.

O transporte rodoviário apresenta investimento mais expressivo, pois representa custos fixos baixos, no entanto a desvantagem consiste na possibilidade de transportar somente pequenas cargas. O transporte ferroviário é utilizado principalmente no deslocamento de grandes toneladas de produtos homogêneos. O transporte hidroviário é utilizado para o transporte de grãos líquidos, produtos químicos, areia, carvão, cereais e bens de alto valor em contêineres. O transporte aeroviário apresenta frete significativamente mais elevado que o correspondente rodoviário, por este motivo é utilizado principalmente nos transportes de cargas de alto valor unitário e perecíveis.

A Tabela 3 demonstra a demanda de cargas nas quatro modalidades de transportes no Brasil no período de 1960-1980.

Tabela 3 Percentual de mercadorias transportadas no Brasil, segundo o meio de transporte - Período: 1960-80

Anos	Rodoviario (%)	Ferroviano (%)	Aeroviano (%)	Hidroviario (%)	Dutoviano (%)
1960	60,9	18,8	0,1	20,8	0
1965	68,9	16,8	0,1	14,2	0
1970	69,6	16,9	0,1	12,1	1,3
1975	67,6	19,4	0,2	10,5	2,3
1980	58,7	24,3	0,3	13,4	3,3
-	-	-	-	-	-

Fonte: Estatísticas Históricas do Brasil- IBGE (1987 *apud* MEURER, 2004, p. 23).

- Não foram localizados dados atualizados disponíveis.

Constata-se que o transporte rodoviário cresceu durante o período de 1960-1970 e começou a cair de 1970-1980. O transporte ferroviário caiu durante 1960-1970 e foi crescendo sucessivamente de 1970-1980. No entanto o transporte rodoviário esteve a frente das outras modalidades em todos os períodos.

3.3 O PLANEJAMENTO EM TRANSPORTES

O planejamento em transportes é de suma importância para o desenvolvimento econômico e o processo de integração de um país. De acordo com Barat (1979, p.92):

A integração entre o transporte e o desenvolvimento harmônico e integrado aos níveis nacional, regional e urbano, somente de alcançará mediante planos, programas e projetos combinados. Estes deverão antes indutores do que corretivos da ocupação do território, em termos que facilitem o escoamento da produção agrícola, a implantação das indústrias e distribuição dos seus produtos, bem como a movimentação das pessoas nas ligações entre residência, trabalho, escola e lazer.

O sistema de transportes, sendo um dos principais eixos da economia, necessita de investimentos diferenciados. Segundo Resende (1973, p.10): “as inversões em projetos rodoviários devem ajustar-se às peculiaridades das regiões beneficiadas, levando em conta o seu atual estágio de desenvolvimento e rentabilidade dos investimentos, medida em termos de contribuição à economia.” Destacam-se ainda como regiões mais desenvolvidas do Brasil a Sul e a Sudeste. Conforme Resende (1973, p.11) “como exemplo de regiões mais desenvolvidas, comparecem o sudeste e o sul do país, onde se verifica uma contribuição de cerca de 80% da Renda Nacional”.

Os efeitos gerados pela melhoria nos sistema de transportes também depende do grau de desenvolvimento econômico de um país ou região, Torres (2009, p.28) constata que: “De uma maneira geral, quanto maior o grau de desenvolvimento econômico (quanto melhor a infra-estrutura de transportes) menores serão os ganhos extras de um novo projeto”.

Constata-se que a maiorias das regiões hoje industrializadas não contaram com um planejamento na área de transportes, resultando em desníveis regionais. O planejamento dos transportes é necessário, pois auxilia na adequação das estratégias compatíveis com o desenvolvimento de determinada região. Barat (1978, p. 105) destaca:

Assim, enquanto numa região o objetivo principal poderá ser o de minimizar os custos de operação e tempo de percurso para prover serviços de transportes mais eficientemente e com as características econômicas de cada modalidade, em outra, a necessidade de estimular o desenvolvimento econômico, poderão colocar como objetivo central da expansão do sistema de transportes o de cooperar com aquelas metas globais a um menor custo de capital, maximizando os benefícios indiretos dos investimentos.

Quanto à questão dos benefícios diretos ou indiretos que uma rodovia pode proporcionar, destaca-se a argumentação de Resende (1973, p. 5) “Já constitui também prática

corrente avaliar monetariamente esse benefícios, a fim de compará-los com os custos dos empreendimentos, conseguindo assim uma análise da rentabilidade dos investimentos.”

A decisão de investimentos em transportes nas diferentes regiões do país baseia-se nas características singulares de cada uma. A divisão é feita da seguinte forma por Resende (1973, p. 11) “regiões não ocupadas demográfica e economicamente (Amazônia); regiões ocupadas com baixo nível de renda (Nordeste); regiões pouco ocupadas com grande potencial econômico (Centro-Oeste); e regiões mais desenvolvidas (Sul e Sudeste)”.

A decisão de investimento e financiamento em cada região também é tomada com base em suas características e seu potencial. A viabilidade econômica e os benefícios proporcionados são observados caso a caso, procurando balancear os pontos fortes das regiões mais desenvolvidas para auxiliar no desenvolvimento das regiões com menor potencial.

Nota-se que o planejamento no setor de transportes possibilita direcionar os investimentos, diminuir os custos, promover a integração regional e analisar os benefícios diretos e indiretos para determinada região, possibilitando o comparativo entre os custos e o retorno do empreendimento.

3.4 POLÍTICAS PÚBLICAS¹

As políticas públicas devem ser elaboradas levando-se em conta os aspectos econômico-financeiros do investimento público. De acordo com Barat (1979, p. 59):

Os planos de governo e as suas respectivas programações de investimentos resultam, de maneira geral, de todo um processo prévio à decisão de investir e que visa fundamentá-la metodologicamente, segundo critérios de economicidade e equidade social. Em se tratando da infra-estrutura e da operação de serviços públicos, é de especial importância determinar, para cada projeto, os benefícios esperados a partir do investimento necessário, tomados como referência os custos econômicos e sociais.

A partir da década de 50 contou-se com uma série de planos governamentais, que entre outros objetivos também contribuíram para o desenvolvimento do sistema de transportes.

¹ Seção baseada em Barat (1979);Goularti Filho (2002).

Em 1951 foi implantado o plano de Comissão Mista Brasil – Estados Unidos, visando identificar os pontos fracos da economia brasileira, e que necessitariam de mais investimento. Foi dada prioridade para o setor de energia e transportes, no entanto o plano foi um fracasso.

Em 1956 foi elaborado o ousado Planos de Metas, que tinha como principal objetivo o desenvolvimento do país e prometia um crescimento de 50 anos em 5. No intuito de alavancar a industrialização do país o governo investiu significativamente em infra-estrutura no setor de energia e transportes fez com grande parte das estradas do país fossem pavimentadas.

Em meados de 1960 foi elaborado o Programa de Ação Econômica do Governo (PAEG), com o objetivo de conter o processo inflacionário que fugia o controle. No setor de transportes, foram construídas novas rodovias e implantado um imposto sobre os combustíveis e lubrificantes.

No final da década de 60 o Plano Estratégico de Desenvolvimento (PED) investiu fortemente no setor de transportes no intuito de fortalecer o mercado interno.

Em todos os planos citados acima houve forte investimento no setor de transportes, visto sua importância no crescimento e desenvolvimento da economia do país. Verifica-se também que esses investimentos foram direcionados para o transporte rodoviário, fazendo com que as outras modalidades fossem deixadas em segundo plano.

3.5 ASPECTOS ECONÔMICOS DE SANTA CATARINA²

A história nos mostra que durante e após a Segunda Guerra Mundial a economia catarinense sofreu algumas modificações, alguns setores da economia foram prejudicados, outros foram revitalizados e alguns novos ramos industriais foram surgindo.

A economia catarinense em meados da década de 40 atuava nos seguintes setores: carbonífero, madeireiro, têxtil, entre outros. A cidade de Joinville era a que mais se destacava possuindo pequenas oficinas mecânicas e funilarias.

No que diz respeito à infra-estrutura em transporte rodoviário no Estado, em meados de 1947 sente-se uma maior necessidade de investimentos na rede rodoviária catarinense, faltam estradas para o escoamento de sua produção agrícola e industrial.

A primeira experiência de planejamento em Santa Catarina ocorreu em 1955 através do Plano de Obras e Equipamentos (POE), vindo a reforçar os setores básicos da infra-

² Seção baseada em Goularti Filho (2002).

estrutura econômica do estado. O plano pretendia destinar 45% de seus recursos para o setor de Estradas e Rodagens e seus reflexos puderam ser percebidos nos setores de transporte, energia e fomento agrícola. Foram construídas as rodovias São Francisco-Porto União, Itajaí – Curitiba-Florianópolis-Lages e Laguna-Tubarão-São Joaquim.

A indústria começa desenvolver-se no período de 1945 a 1962 introduzindo atividades como o fabrico de papel, pasta mecânica, plásticos, metal mecânico, materiais elétricos, proporcionando um maior desenvolvimento econômico do Estado. Mais tarde é elaborado o Plano de Metas do Governo (PLAMEG I) 1961-1965 com o intuito de investir fortemente em infra-estrutura no setor de energia e transportes. Do total de recursos previsto para o período 28,3% eram destinados às rodovias e 26,6% à energia, o restante era distribuído em educação, saúde, agropecuária e ao crédito do Banco do Estado. Nesse período foram implantadas as rodovias Porto União - São Francisco (SC-21), Curitiba-Itajaí (SC-23), São Bento do Sul-Corupá (SC-36) e Criciúma-Urussanga-Orleans (SC-55).

Em seguida foi lançado o PLAMEG II 1966-1970, nada mais do que uma continuação do primeiro plano, também focou no setor de infra-estrutura em transportes e energia, ao qual destinou maior parte de seus recursos. No setor de transportes foram pavimentadas as ligações entre São Francisco-Porto União, Caçador-BR116, Chapecó-BR 116, Rio Negrinho-Mafra-Seara-Chapecó, Lauro Muller-Urussanga e Joaçaba-Volta Grande.

É traçado assim um novo padrão de crescimento da indústria, onde se destaca o setor madeireiro e mobiliário, que projetou a economia catarinense para o mercado internacional no início da década de 1970. Esse desenvolvimento industrial e econômico torna mais latente a necessidade de investimentos em infra-estrutura básica visando acompanhar o crescimento da indústria e do comércio.

No período da ditadura 1971-1974 foi escolhido Colombo Machado Salles para o governo de Santa Catarina e com ele foi lançado o Projeto Catarinense de Desenvolvimento (PCD), o plano seguia a mesma linha dos dois planos anteriores e pretendia integrar as regiões ainda isoladas do Estado. Buscando a unidade econômica catarinense e com o intuito de descentralizar as políticas econômicas o estado foi subdividido em 13 microrregiões, seguindo orientações do IBGE. Objetivando maior integração foram pavimentadas as ligações entre Chapecó - São Lourenço, Chapecó - Joaçaba, Canoinhas - Mafra, Videira - BR116, e feitas melhorias na Chapecó - Itapiranga.

A integração nacional é conseguida inicialmente com a BR-2, transformada mais tarde em BR-116, facilitando o acesso ao Paraná, passando por Mafra ou ao Rio Grande do Sul passando por Passo do Socorro.

Finalmente, após muitas interrupções, no início dos anos 70 é inaugurada a rodovia BR-101. Uma rodovia longitudinal com extensão de 4.085 km, passando entre as cidades de: Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Alagoinhas, Itabuna, Vitória, Campos, Niterói, Rio de Janeiro (Santa Cruz), Mangaratiba, Angra dos Reis, Caraguatatuba, Santos, Iguape, Antonina, Joinville, Itajaí, Florianópolis, Tubarão, Osório.

A partir de então se iniciou um processo de transformação das regiões por onde passa a rodovia, transformando a indústria, o comércio e o fluxo populacional das regiões.

3.6 INTEGRAÇÃO MICRO E MACRORREGIONAL NO ESTADO CATARINENSE

Conforme visto na seção 2, até o Censo de 1980 o Estado era dividido em microrregiões, e os projetos governamentais na década de 70 procuraram atender as necessidades reclamadas pelas doze microrregiões, como também os objetivos da época, definíveis e alcançáveis.

Segundo Salles (2000, p.71) o Projeto Catarinense foi elaborado com plena consciência de que sua execução somente seria viável com a eliminação ou superação de fatores adversos. Dentre as necessidades básicas das microrregiões destacavam-se: integração estadual ao âmbito dos três Poderes Constitucionais; modernização do sistema de saúde e assistência social; expansão e diversificação do parque industrial, modernização da agricultura, estruturação de um sistema financeiro para o desenvolvimento e quanto à infraestrutura econômica a necessidade estava na eliminação do ponto de estrangulamento representado pela deficiência dos transportes e comunicações.

No setor de transportes a necessidade primordial consistia na implantação total da BR-101, trecho da BR-282, continuidade da BR-470, visando à integração rodoviária do Estado.

No entanto para a consecução dos projetos governamentais com objetivo de integração macroeconômica é necessário um estudo sobre as definições da unidade regional, dos objetivos que se pretende alcançar, bem como da seleção das variáveis a que devam ser consideradas no tratamento da problemática regional. Com base nesses estudos que se definiu a Região da Grande Florianópolis como pólo de integração regional. Essa questão é confirmada pela colocação de Salles (2000, p.75):

Baseado em conceitos metodológicos, verificou-se na década de 70, que a estratégia para o desenvolvimento de Santa Catarina deveria fundamentar-se na existência de um centro dinâmico de onde emanariam os fluxos de concretização da almejada integração regional, consciente de que a segurança deste pólo não promoveria qualquer ação em detrimento das demais microrregiões.

Quanto à escolha de Florianópolis como pólo de integração Salles (2000, p.75) destaca: “foi definido como pólos de integração a Região Grande Florianópolis pelo fato de apresentar a maior concentração urbana e oferecer a maior gama de serviços e facilidades para a criação de um modelo de desenvolvimento microrregional”.

A microrregião de Florianópolis na década de 70 era definida pelos municípios de: Biguaçu, Governador Celso Ramos, Florianópolis, Palhoça, Paulo Lopes, Garopaba, Santo Amaro da Imperatriz, São José, Porto Belo e Tijucas. Na definição de Salles (2000) para consolidar a região-pólo verificou-se a necessidade de fixação de alguns parâmetros:

Verificou-se a necessidade de três parâmetros: ligação do litoral com a região Oeste; a implantação de um sistema de telecomunicações e um plano de desenvolvimento integrado, estabelecendo-se como fatores fundamentais uma segunda travessia ligando a Ilha ao Continente; a criação de infra-estrutura para as atividades turísticas, compreendendo três conjuntos localizados na região leste da Ilha e as estações termais de Caldas da Imperatriz e Águas Mornas; a criação de uma ova imagem dessa região metropolitana, demonstrando sua capacidade de trabalho e dinamismo.

O objetivo principal consistiu na integração das doze microrregiões do Estado, e para tal verificou-se a necessidade da intervenção do Estado na estrutura das microrregiões, bem como o assessoramento técnico-profissional, eliminando-se o estabelecimento de meros planos, visando à integração perfeita entre a estrutura do planejamento microrregional e as demais estruturas de âmbito nacional e estadual. Segundo Salles (2000, p.77) “a coordenação do desenvolvimento microrregional e municipal exerceria suas atividades mediante convênios operacionais, congregando o Governo do Estado e as doze Associações de Municípios, com a finalidade de viabilizar a transferência de recursos necessários à elaboração de planos”.

A coordenação do desenvolvimento microrregional contou com dezessete subprojetos que focaram as doze microrregiões do Estado, além de alguns projetos específicos como: o Programa de desenvolvimento da Nova Fronteira; Desenvolvimento da Região Sul; Assistência aos municípios; Abastecimento de água e saneamento; Expansão urbana; Desenvolvimento comunitário e o programa de Expansão industrial.

O resultado do Projeto Catarinense de Desenvolvimento (1971-1975) pode ser sintetizado da seguinte forma: os desempenhos privados, fortalecidos pela ação do Governo

apresentaram expansão refletida pela taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB); a integração do Estado foi iniciada; a Capital do Estado transformou-se num grande pólo urbano, dinâmico e aceito pelos catarinenses. Na avaliação de Salles (2000, p. 87) “O futuro de Santa Catarina é de grandeza inapelável, qualquer que seja a equação a se estabelecer. A força de mudança e modernização introduzida na sociedade constituiu-se num impulso irreversível”.

3.7 HISTÓRICO DA RODOVIA BR-101³

A construção da rodovia BR-101 demorou dezoito anos para ser finalizada, a obra que visou integrar Santa Catarina ao resto Brasil iniciou suas obras em 1953 e foi inaugurada somente em 1971 no governo Colombo Salles. Em 1950, Santa Catarina não possuía uma rodovia que permitisse ligações com o centro do país ou com os vizinhos Rio Grande do Sul e Paraná. Em virtude dessa limitação em 1953 começou a construção da BR-101 buscando a integração com o restante do Brasil e o desenvolvimento do Estado.

As obras iniciaram em 1953 com a terraplanagem no trecho entre a divisa com o Rio Grande do Sul e próximo ao município de Imbituba. Em 1959, as construtoras começaram a implantação em dois lotes da divisa com o Paraná até Penha, e deste município até Florianópolis, Imbituba à capital iniciou em 1964, a pavimentação ocorreu depois de 1965.

A rodovia era considerada moderna, pois foi a primeira estrada federal a usar balizadores plásticos de sinalização a uma distância média de 60 quilômetros entre os postos da Polícia Rodoviária Federal.

A inauguração da rodovia representou o término do Tronco Rodoviário Sul e integrou Santa Catarina a grandes rodovias litorâneas, ligando as cidades de Natal, no Norte, e Osório (RS), ao Sul.

A BR-101 foi projetada com pista simples capaz de suportar um movimento de seis mil veículos/dia. A projeção foi baseada no fluxo existente na época na região, pois ao longo da estrada havia grandes áreas desertas e o transporte de produtos industriais e agropecuários seria feito pela BR-116. A nova estrada serviria mais para o trânsito dos catarinenses e de turistas.

³ Seção baseada no jornal Diário Catarinense (1993; 1996).

A Figura 6 apresenta o traçado da rodovia BR-101 por todo o estado de Santa Catarina. Pode-se notar a proximidade da rodovia com os municípios da Mesorregião Grande Florianópolis.

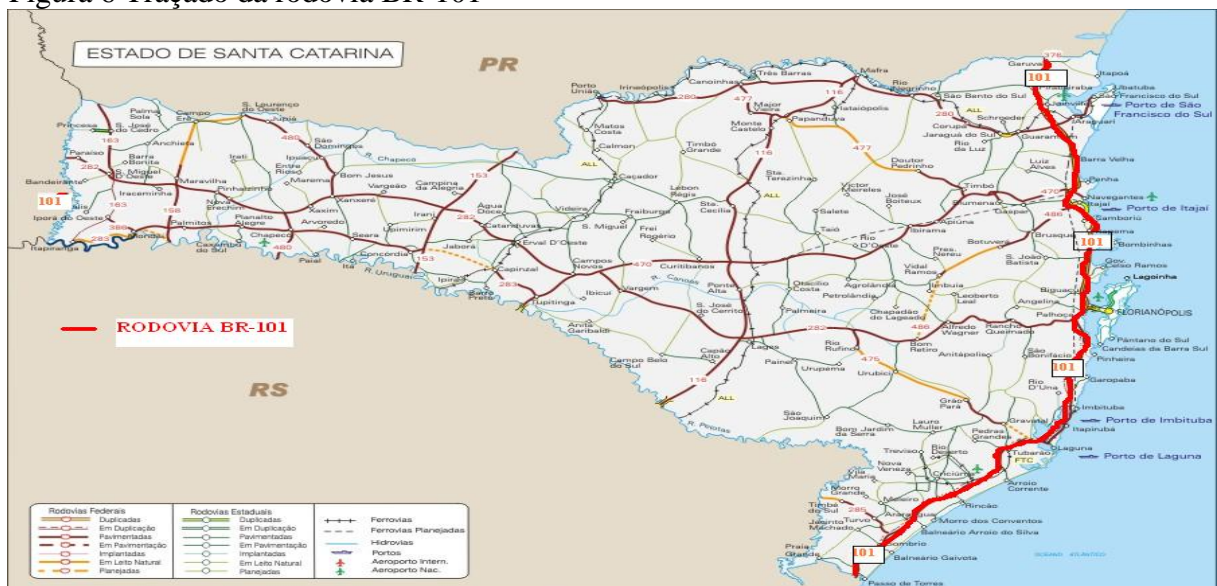
No entanto os engenheiros não projetaram as mudanças que a própria estrada provocaria. Com a implantação foram surgindo ao longo de suas margens diversos núcleos habitacionais, como a Grande Florianópolis e municípios como Balneário Camboriú e Itapema. Além disso, o setor industrial sofreu uma explosão na década de 70 com o incentivo do Governo Federal e também os portos de Itajaí, São Francisco do Sul e Imbituba localizam-se nas proximidades da rodovia.

Outro fator preponderante consta do fato de que as boas condições da estrada fizeram os caminhoneiros trocarem a BR-116, acidentada e com muitas curvas, a preferir a BR-101, o que contribuiu para transformar a rodovia numa estrada perigosa no início da década de 80.

O aumento contínuo do fluxo de veículos na rodovia acabou por esgotar sua capacidade depois de quatro anos de sua inauguração. Em meados de 1975 o governo já adotava providências para ampliar a estrada em mais duas pistas, em Palhoça e Itajaí. Porém devido a falta de recursos durante muito tempo a obra não saiu do papel. As obras de duplicação teve início a partir de 1989, parou e recomeçou em 1992. Até 1996 ainda não haviam terminado as obras de duplicação.

O Mapa 6 apresenta o traçado da rodovia BR-101 por todo o estado de Santa Catarina. Pode-se notar a proximidade da rodovia com os municípios da Mesorregião Grande Florianópolis.

Figura 6 Traçado da rodovia BR-101



Fonte: http://www.motonline.com.br/forumforum_posts.aspTID=8376&PN=0&TPN=2

A perspectiva da duplicação da rodovia na década de 90 criou certa euforia nos comerciantes locais, fazendo com que a Associação dos empresários da Grande Florianópolis (AEMFLO) promovesse vários eventos com o objetivo de criar projetos que pudessem atender ao crescimento que a BR101 ampliada promoveria. Previu-se um crescimento populacional, industrial e de turismo.

Levando-se em conta que a necessidade de duplicação já havia sido constatada desde 1975 calcula-se que: se levou dezoito anos para ser construída, levará pelo menos mais de vinte anos para ser duplicada.

4 DESENVOLVIMENTO DA MESORREGIÃO GRANDE FLORIANÓPOLIS NO PERÍODO DE 1960-2000

Este capítulo tem como objetivo demonstrar como ocorreu o desenvolvimento sócio-econômico da Mesorregião Grande Florianópolis no período de 1960-2000.

Observou-se o crescimento populacional através do censo demográfico como também serão ressaltados alguns dados importantes dos municípios que mais se destacaram na composição da Mesorregião.

4.1 TRANSFORMAÇÕES NA MESORREGIÃO A PARTIR DA DÉCADA DE 60

Inicia-se a análise do censo demográfico pela Mesorregião Grande Florianópolis, onde o aumento da população urbana é bastante superior ao crescimento da população rural entre as décadas de 1960-1970. A partir de 1980-1991 e 2000 é notável um grande crescimento da população urbana, enquanto que a população rural passa a decrescer significativamente.

Os dados da Tabela 4 demonstram claramente o que foi argumentado no parágrafo acima.

Tabela 4 População total do Brasil, Santa Catarina e Mesorregião Grande Florianópolis 1960 – 2000

Região	População	1960	1970	1980	1991	2000
Brasil	Total	69.243.201	93.139.037	117.960.301	146.825.475	169.799.170
	Urbana	30.607.276	52.084.984	79.972.931	110.990.990	137.953.959
	Rural	38.635.925	41.054.053	37.987.370	35.834.485	31.845.211
Santa Catarina	Total	2.129.252	2.901.734	3.627.933	4.541.994	5.356.360
	Urbana	688.358	1.246.043	2.154.238	3.208.537	4.217.931
	Rural	1.440.894	1.655.691	1.473.695	1.333.457	1.138.429
Mesorregião Grande Florianópolis	Total	238.620	325.736	445.027	619.388	807.458
	Urbana	105.646	191.865	334.273	524.075	733.758
	Rural	132974	133.871	110.754	95.313	73.700

Fontes: Censo Demográfico do Brasil- IBGE - 1960 - 1970 - 1980 -1991 – 2000.

Censo Demográfico de Santa Catarina - IBGE - 1960 - 1970 -1980 -1991 - 2000.

Quanto à população total verifica-se que no período de 1960-1970 a Mesorregião apresentou crescimento de 36,51%, mantendo o praticamente o mesmo percentual no período

posterior 1970-1980 com 36,62%. Entre 1980-1991 a população total expandiu 39,18% e logo no período seguinte 1991-2000 houve uma retração de 30,36%.

Entre o período de 1960-1970 constata-se que a Mesorregião obteve crescimento de 81,61% para a população urbana, enquanto que a população rural evoluiu apenas 0,67%. No período posterior, 1970-1980 a população urbana continuou crescendo, porém um pouco menos que no período anterior apresentando 74,22%, a população rural caiu significativamente 17,27%. Observa-se que entre as décadas de 1980-1991 a população urbana cresceu em um ritmo menor 56,78%, e a população rural continuou caindo lentamente ficando em 13,94%. O último período 1991-2000 é marcado por uma queda abrupta da população rural de 22,68%, enquanto que a população urbana continuou a crescer 40,01%.

A observação dos dados nos leva à conclusão de que o crescimento do contingente populacional da Mesorregião Grande Florianópolis se deve também em grande parte devido à migração populacional de outras regiões para esses municípios, pois a expansão da área urbana foi superior ao decréscimo da área rural.

Comparativamente aos dados demográficos de Brasil e Santa Catarina evidencia-se no período de 1960-1970 que a população urbana e a população total de Santa Catarina evoluíram 81,02% e 36,28%, respectivamente, praticamente na mesma proporção da Mesorregião Grande Florianópolis, porém a população rural no estado apresentou crescimento de 14,91%, muito acima da Mesorregião. Esse dado leva a crer que a região mais desenvolvida na época era composta pelos municípios da Mesorregião Grande Florianópolis e que o restante do estado era predominantemente rural. O Brasil cresceu um pouco abaixo de Santa Catarina e da Mesorregião na população urbana, rural e também na população total, apresentando os percentuais de 6,26%, 70,17% e 34,51%, respectivamente. No próximo período 1970-1980 a Mesorregião apresentou maior evolução na população urbana e na população total tanto se compararmos com Brasil como com Santa Catarina, e apresentou também maior declínio na população rural. Na observação dos percentuais de 1980-1991 nota-se que a Mesorregião, assim como no período anterior, cresceu mais em população urbana e população total, e também evoluiu menos em população rural que Brasil e Santa Catarina. Entre 1991 e 2000 nota-se um declínio da população rural no Brasil de 11,13%, em Santa Catarina de 14,63% e a Mesorregião acompanhou essa queda com mais força. Na população urbana e total a Mesorregião cresceu mais que o Brasil com 24,29% e 15,65%, respectivamente, e Santa Catarina com 31,46% e 17,93%, respectivamente.

Nos Anexos A, B, C e D, que apresentam os dados separados por municípios, e tendo como base os estudos feitos por Longhi (2003) e Meurer (2004) nota-se a importância de

alguns municípios no desempenho econômico da Mesorregião Grande Florianópolis, que são: Florianópolis; São José e Palhoça.

Se compararmos os dados demográficos da Mesorregião com os dados de Florianópolis, São José e Palhoça para as décadas de 1960, 1970 e 1980, período em que se limitaram os trabalhos de Longui (2003) e Meurer (2004), percebe-se que esses municípios tiveram grande influência no contingente populacional da Mesorregião.

Tabela 5 Comparativo da População total da Mesorregião Grande Florianópolis, Florianópolis, São José e Palhoça 1960 - 1980

Região	População	1960	1970	1980
Mesorregião Grande Florianópolis	Total#	238.620	325.736	445.027
	Total#	97.827	138.337	187.871
Florianópolis	Percentual da população em relação à população total da Mesorregião	41,00%	42,47%	42,22%
	Total#	27.789	37.224	55.292
Palhoça	Percentual da população em relação à população total da Mesorregião	11,65%	11,43%	12,42%
	Total#	31.192	52.461	96.999
São José	Percentual da população em relação à população total da Mesorregião	13,07%	16,11%	21,80%

Fonte: Censo Demográfico do Brasil- IBGE - 1960 - 1970 - 1980.
Censo Demográfico de Santa Catarina - IBGE - 1960 - 1970 -1980.

De acordo com a Tabela 5, pode-se verificar que em 1960 a população total dos três municípios corresponde a 65,71% da população total da Mesorregião, em 1970 evoluiu para 70% e em 1980 aumentou para 76,44% da população total.

Constata-se que os municípios de Florianópolis, São José e Palhoça exerceram uma significativa importância no processo demográfico da Mesorregião Grande Florianópolis. Segundo Longhi (2003) Florianópolis evoluiu 55,99% na área urbana no período de 1960-1970 e um decréscimo de 14,48% na área rural. Entre 70 e 80 a população urbana apresentou evolução menor que no período anterior e a população rural estranhamente obteve expressivo crescimento, o que não pode ser explicado teoricamente, pois não foi localizada nenhuma literatura a respeito. Em Palhoça e São José Meurer (2004) constata que entre 1960-1970 Palhoça apresentou um crescimento médio anual de 8,06% para a população urbana e apenas

1,78% para a população rural e São José um crescimento de 21,55% para a população urbana e um decréscimo de 2,04% na população rural. No período de 1970-1980 em Palhoça verifica-se um crescimento de 4,04%aa na população urbana e um decréscimo de 6,41%aa para a população rural. Em São José nesse período a população urbana obteve crescimento de 6,34%aa e a população rural uma redução de 2,86%aa. Meurer atribui a influência de Florianópolis ao crescimento de Palhoça e São José, sobretudo após 1970, quando atraiu um elevado contingente populacional a procura de melhores oportunidades de emprego em Florianópolis, optando por residir nos municípios vizinhos por vários motivos, entre eles os preços dos terrenos e os custos de moradia.

4.2 INFLUÊNCIA DOS MUNICÍPIOS DE FLORIANÓPOLIS, PALHOÇA E SÃO JOSÉ NO DESENVOLVIMENTO DA MESORREGIÃO GRANDE FLORIANÓPOLIS 1960-1980

Dentre as variáveis analisadas através dos dados coletados nas pesquisas e Censos Comercial, Industrial e de Serviços, observa-se que o setor de serviços foi o que mais cresceu e mais empregou entre as décadas de 1960-1980 na Mesorregião Grande Florianópolis.

Esse crescimento se justifica por estar relacionado ao crescimento experimentado pelo município de Florianópolis que conseqüentemente também influenciou no desenvolvimento de Palhoça e São José no setor de serviços.

Segundo Longhi (2003) o município de Florianópolis já demonstra vocação para o setor de serviços que entre 1960-1970 apresenta crescimento de 105,31% no número de estabelecimentos e 113,42% quanto o número de pessoal ocupado. No período de 1970-1980 o número de estabelecimentos em Florianópolis evoluiu 181,68% provocando um grande boom nos empregos nesse setor que cresceu 677,38%.

Em Palhoça e São José Meurer (2004) verificou que no primeiro período 1960-1970 o crescimento desse setor fica abaixo dos demais setores. No período posterior 1970-1980 ocorre uma evolução extraordinária principalmente no item de serviço de alojamento e alimentação que cresceu 587,50% em número de estabelecimentos e 800% no crescimento de pessoal ocupado nessa categoria.

A Tabela 6 demonstra que a evolução do setor de serviços na Mesorregião Grande Florianópolis acompanha o desenvolvimento também visto em Florianópolis, Palhoça e São José.

Tabela 6 Prestação de Serviços na Mesorregião Grande Florianópolis - Período: 1960-1980

Categoria		1960	1970	1980
Nº Estabelecimentos	Total #	515	901	2.443
	Serviços de Alojamento e Alimentação	140	274	941
	Serviços de Reparação, Manutenção, Instalação e Confecção Sob-Medida	123	225	670
	Serviços Pessoais e de Higiene Pessoal	302	289
	Serviços de Radiodifusão, Televisão e Diversões	23	49
	Serviços Auxiliares Diversos	352
	Serviços de Compra, Venda, Loteamento, Incorporação, Administração, Locação e Arrendamento de Bens Imóveis	90
Pessoal Ocupado	Total #	1.384	2597	17.281
	Serviços de Alojamento e Alimentação	484	1017	3.490
	Serviços de Reparação, Manutenção, Instalação e Confecção Sob-Medida	294	409	1.949
	Serviços Pessoais e de Higiene Pessoal	440	539
	Serviços de Radiodifusão, Televisão e Diversões	237	509
	Serviços Auxiliares Diversos	9.602
	Serviços de Compra, Venda, Loteamento, Incorporação, Administração, Locação e Arrendamento de Bens Imóveis	893

Fonte: Censo de Serviços - IBGE - 1960 - 1970 - 1980

Ao analisarmos os dados da Tabela 6, é perceptível a evolução no número de estabelecimentos e pessoal ocupado no setor de serviços. Entre 1960 e 1970 o número de estabelecimentos total cresceu 74,95% e o de pessoal ocupado total 87,64%. No período seguinte 1970-1980 percebe-se um aumento extraordinário que avançou 171,14% no número de estabelecimentos, e 565,42% para pessoas ocupadas no setor.

Por não existirem dados por categorias de serviços no ano de 1960, a análise será feita somente para os anos de 1970 e 1980. Ao observar quais as categorias que mais se desenvolveram no período de 1970-1980, temos como destaque os Serviços de Alojamento e Alimentação que apresentou aumento de 243,43% em número de estabelecimentos e 243,17% no percentual de pessoas ocupadas.

5 INDÚSTRIA, COMÉRCIO E SERVIÇOS NA MESORREGIÃO GRANDE FLORIANÓPOLIS COMPARADOS COM BRASIL E SANTA CATARINA 1960-2000

Este capítulo se destina a avaliar se a construção da rodovia BR 101 influenciou o desenvolvimento econômico da Mesorregião Grande Florianópolis, bem como um comparativo econômico com Brasil e Santa Catarina. Tal análise baseia-se nos dados do Censo de 1960, uma década anterior à construção da BR-101, dados dos Censos de 1970, 1980, 1985, e pesquisas nos setores de comércio, indústria e serviços, nos anos de 1996 e 2000.

Observa-se que entre os três principais setores econômicos da Mesorregião Grande Florianópolis – comércio, indústria e serviços – no período de 1960-1970, o setor de serviços foi o que mais cresceu em percentual de pessoal ocupado evoluindo 86,71%, contra 82,40% do setor industrial e 71,47% do setor comercial. Porém em número de estabelecimentos o setor comercial foi o que apresentou maior crescimento 94,63%, seguido do setor de serviços 77,09% e industrial 62,08%.

No período posterior 1970-1980 ocorre um grande boom no setor de serviços que cresceu muito mais do que o comercial e o industrial, o percentual de pessoal ocupado em serviços chegou a 563,39% e o número de estabelecimentos cresceu 61,51%. O setor que menos cresceu em pessoal ocupado foi o comercial, no entanto ainda representa um crescimento de 102,05% e o industrial 108,78%. O mesmo não acontece com o número de estabelecimentos, onde o percentual do setor comercial supera o industrial com 34,38% e 19,58%, respectivamente.

O próximo período abrange um espaço temporal menor do que os outros, somente cinco anos, devido à falta de Censo Econômico e Pesquisas por município na década de 90. Entre 1980-1985 a variação é menos significativa no setor de serviços que cresceu apenas 27,36% em número de estabelecimentos e 4,42% em pessoal ocupado. O setor comercial apresenta um crescimento significativo no percentual de pessoal ocupado com 52,91%, crescendo apenas 1,53% em número de estabelecimentos. A indústria foi o setor que menos se desenvolveu no período com crescimento 4,84% de pessoal ocupado e 2,16% de estabelecimentos.

Entre 1985-1996 novamente o setor de serviços cresceu significativamente mais do que os outros setores, apresentando uma evolução de 367,22% em número de estabelecimentos e crescendo 201,33% em pessoal ocupado. O setor comercial acompanhou o crescimento em número de estabelecimentos com 236%, mas cresceu menos em pessoal

ocupado, somente 29,87%. A indústria evoluiu menos em estabelecimentos e pessoal ocupado do que os outros setores com 181,85% e 28,89%.

Para fechar o período, fez-se uma análise de 1996 a 2000 e percebe-se que o crescimento em todos os setores foi menos significativo. O setor de serviços passou a crescer menos do que os demais em pessoal ocupado com apenas 33,13%, a indústria evoluiu um pouco mais 46,73%, e o setor que mais cresceu nessa categoria foi o comercial com 97,19%. Em número de estabelecimentos o setor de serviços ficou na frente com 57% de crescimento, o setor comercial com 28% e o industrial 24%.

5.1 SETOR COMERCIAL

A análise do setor comercial foi baseada nos Censos Comerciais de 1960-1970-1980, no Censo Econômico realizado em 1985 e nas Pesquisas Anuais Comerciais de 1996 e 2000. Os dados obedecem à mesma classificação das atividades e foram discriminados de acordo com a forma de vendas em comércio varejista e comércio atacadista. No Censo Econômico de 1985 e nas Pesquisas de 1996 e 2000, essa discriminação quanto à categoria de vendas foi realizada somente para Brasil e Santa Catarina, não havendo dados para municípios, impossibilitando dessa forma sua análise na Mesorregião por categoria nesses períodos.

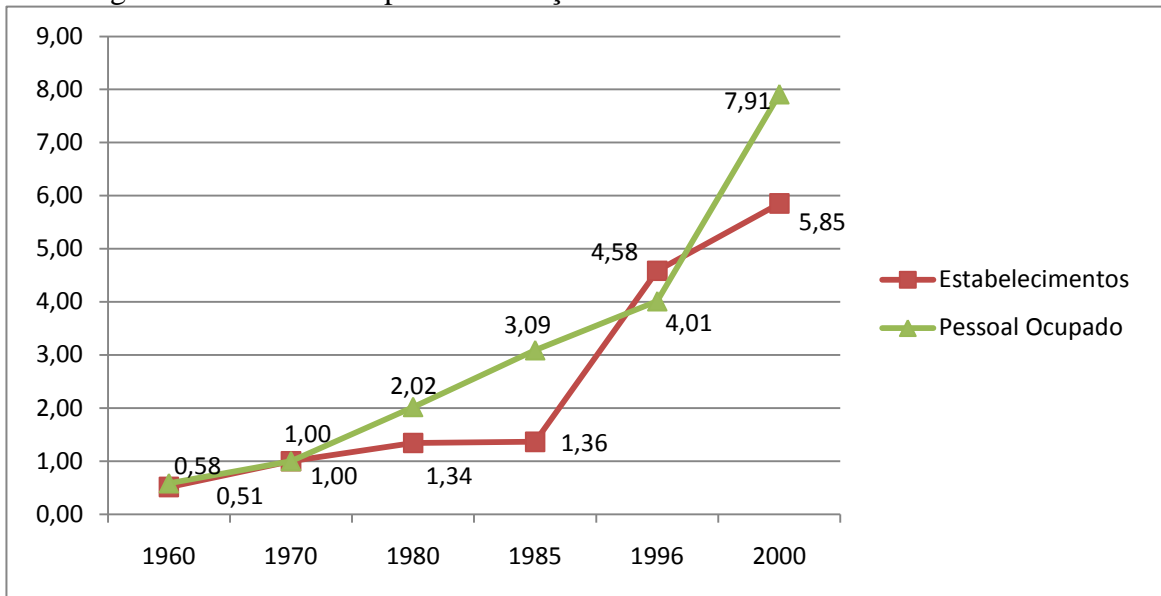
O Gráfico 1 apresenta o nível de crescimento do setor comercial na Mesorregião Grande Florianópolis para estabelecimentos e pessoal ocupado entre 1960-2000 em relação a 1970 que foi o ano de inauguração da rodovia BR-101.

Percebe-se que o nível de pessoal ocupado foi sempre crescente em relação a 1970, e alcançou níveis ainda maiores em 2000, década posterior em que se começou a duplicar a rodovia BR-101, o que pode ter contribuído para elevar ainda mais o número de pessoas ocupadas no período.

Quanto ao número de estabelecimentos também se percebe que foi sempre crescente em relação a 1970, e que alcançou números expressivos a partir de 1996 até 2000.

O Jornal Diário Catarinense (1996) relata: “Um batalhão de 1.600 homens está “invadindo” a BR-101 em Santa Catarina para as obras de duplicação que começam nesse segundo semestre, a expectativa do aumento do movimento econômico é expressivo”.

Gráfico 1 Número de estabelecimentos e de pessoal ocupado no setor comercial na Mesorregião Grande Florianópolis em relação a 1970



Fontes: Censo Comercial de Santa Catarina - IBGE - 1960 - 1970 -1980.
Censos Econômicos - IBGE - 1985 - municípios região Sul.
SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

O setor comercial sofreu algumas mudanças a partir da década de 70 na Mesorregião Grande Florianópolis, os dados levantados na Tabela 7, se comparados com as transformações ocorridas no setor no Brasil e em Santa Catarina podem demonstrar a importância do comércio local.

Tabela 7 Setor Comercial - Estabelecimentos e Pessoal Ocupado do Brasil, Santa Catarina, e a Mesorregião Grande Florianópolis

Região	Categoria		1960	1970	1980	1985	1996	2000
Brasil	Nº Estabelecimentos	Total	361.503	568.595	616.051	723.409	1.610.229	1.944.795
		Comércio Varejista	332.704	527.472	570.733	674.695	1.407.627	1.700.074
		Comércio Atacadista	28.799	41.123	39.099	44.994	202.602	244.721
	Pessoal Ocupado	Total	962.224	1.635.751	2.899.808	3.704.338	3.557.800	5.823.842
		Comércio Varejista	741.052	1.335.478	2.360.085	3.086.751	2.982.367	4.774.511
		Comércio Atacadista	221.172	300.273	387.621	498.280	575.433	1.049.331
Santa Catarina	Nº Estabelecimentos	Total	10.117	19.602	23.637	25.215	69.676	85.595
		Comércio Varejista	9.526	18.353	22.326	23.661	59.155	72.287
		Comércio Atacadista	591	1.067	1.311	1.446	10.521	13.308
	Pessoal Ocupado	Total	26.853	53.585	100.236	129.304	138.446	238.470
		Comércio Varejista	22.370	45.702	88.280	111.211	138.446	193.444
		Comércio Atacadista	4.483	7.883	6.185	15.794	23.420	45.026
Mesorregião Grande Florianópolis	Nº Estabelecimentos	Total	1.321	2.571	3.455	3.508	11.787	15.049
		Comércio Varejista	1.252	2.494	3.328
		Comércio Atacadista	69	77	127
	Pessoal Ocupado	Total	3.691	6.329	12.788	19.554	25.394	50.075
		Comércio Varejista	3099	5.779	12.089
		Comércio Atacadista	592	550	699

Fontes: Censo Comercial do Brasil- IBGE - 1960 - 1970 – 1980.

Censo Comercial de Santa Catarina - IBGE - 1960 - 1970 -1980.

Censos Econômicos - IBGE - 1985 - Municípios Região Sul.

SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

Pode-se observar na Tabela 7 que o crescimento do número de estabelecimentos comerciais na Mesorregião Grande Florianópolis ficou acima do crescimento observado no Brasil e Santa Catarina entre 1960 e 1970. No período posterior 1970 e 1980 a Mesorregião continuou a superar o crescimento em estabelecimentos comerciais. Entre 1980-1985 percebe-se uma inversão, onde a Mesorregião cresceu bem abaixo dos dados estaduais e nacionais. No próximo período 1985 e 1996 ocorreu uma recuperação e o número de estabelecimentos cresceu acima de Brasil e Santa Catarina, o mesmo se repete entre 1996 e 2000.

Quanto ao número de pessoal ocupado verifica-se que entre 1960 e 1970 o crescimento da Mesorregião Grande Florianópolis foi proporcional ao crescimento do Brasil, mas inferior ao crescimento do Estado. Entre 1970 e 1980 a Mesorregião cresceu acima do Brasil e Santa Catarina em número de pessoal ocupado. Posteriormente 1980 e 1985 o crescimento de Santa Catarina é proporcional ao Brasil e a Mesorregião cresceu bem acima dos dois. No próximo período 1985 e 1996 constata-se um decréscimo no Brasil e a Mesorregião evoluiu mais do que Santa Catarina. Entre 1996 e 2000 o Brasil voltou a crescer positivamente, porém não mais do que Santa Catarina e o crescimento da Mesorregião foi superior ao estadual e ao nacional.

O número de estabelecimentos na Mesorregião Grande Florianópolis cresceu 94,63% e o de pessoal ocupado 71,47% no período de 1960 e 1970. No período seguinte 1970-1980, o crescimento no número de estabelecimentos foi menor em torno de 34% e o número de pessoal ocupado cresceu vultuosamente 102,05%. Percebe-se uma queda considerável no número de estabelecimentos entre 1980 e 1985 ficando com 1,53%, o número de pessoal ocupado sobiu 52,91%. No período posterior o número de estabelecimentos na Mesorregião voltou a crescer substancialmente 236%, e pessoal ocupado sobe menos do que no período anterior 29,87%. Entre 1996 e 2000 o número de estabelecimentos evoluiu menos do que o de pessoal ocupado apresentando percentuais de 27,67% e 97,19%, respectivamente.

Santa Catarina, entre 1960 e 1970 apresentou evolução de 93,75% no número de estabelecimentos e 99,55% em pessoal ocupado. Entre 1970 e 1980 apresentou uma redução em seu crescimento, tendo sido 20,58% no número de estabelecimentos e 87,06% de pessoal ocupado. No período posterior 1980 e 1985 nota-se uma queda ainda maior com 6,68% em número de estabelecimentos e 29% no número de pessoal ocupado. Nota-se um forte crescimento no número de estabelecimentos entre 1985 e 1996 de 176,33%, o número de pessoal ocupado apresenta queda para 7,07%. No próximo período 1996 e 2000 o número de estabelecimentos decaiu para 22,85% e o de pessoal ocupado subiu para 72,25%.

No Brasil, entre 1960 e 1970 o número de estabelecimentos cresceu 57,29% e o de pessoal ocupado 70%. No período posterior 1970 e 1980 nota-se uma forte queda no número de estabelecimentos evoluindo apenas 8,35% enquanto que o percentual de pessoal ocupado subiu para 77,28%. Subiu o número de estabelecimentos e caiu o número de pessoal ocupado no período de 1980 e 1985 apresentando percentuais de 17,43% e 27,74%. Entre 1985 e 1996 observa-se um aumento substancial em estabelecimentos com 122,59% e uma queda abrupta com percentual de 3,96%. No próximo período 1996 e 2000 o número de estabelecimentos evoluiu em torno de 21% e o de pessoal ocupado se recupera apresentando crescimento de 63,69%.

O crescimento apresentado na Mesorregião Grande Florianópolis no período 1960-1970 quanto ao número de estabelecimentos no setor comercial foi superior ao de Palhoça, mas ficou abaixo de Florianópolis e São José, e em número de pessoal ocupado o crescimento foi abaixo dos três municípios. Posteriormente entre 1970-1980, permaneceu abaixo de Palhoça, Florianópolis e São José em número de estabelecimentos, e obteve maior crescimento do que Florianópolis e palhoça em número de pessoal ocupado, porém ficou abaixo de São José.

Constata-se maior crescimento no número de estabelecimentos de comércio varejista do que de atacadista entre 1960 e 1970, e maior crescimento no comércio atacadista entre 1970-1980. O número de pessoal ocupado no comércio varejista é maior do no atacadista entre 1960-1970, e também no período posterior 1970-1980. Não é possível analisar 1985-2000, pois não foram coletados os dados por município.

A análise da participação do comércio na população economicamente ativa da Mesorregião Grande Florianópolis no setor pode ser verificada na Tabela 8.

Os dados demonstram que a participação do setor comércio para a Mesorregião foi crescente em todo o período e basicamente proporcional ao crescimento apresentado no Brasil e Santa Catarina.

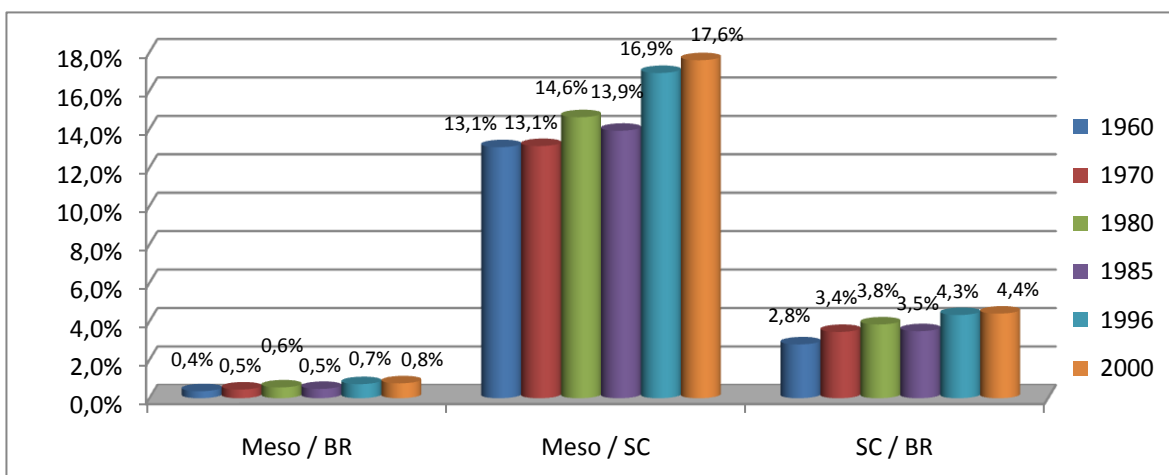
Tabela 8 Participação do pessoal ocupado no Comércio na população economicamente ativa - Período 1960 – 2000

Região	Categoria	1960	1970	1980	1985	1996	2000
Brasil	População Economicamente Ativa	22.750.028	29.557.224	43.235.712	55.098.494	72.996.977	77.467.473
	População Ocupada no Comércio	962.224	1.635.751	2.899.808	3.704.338	2.512.180	5.366.115
	Participação do pessoal ocupado no Comércio com relação PEA	4,22%	5,53%	6,71%	6,72%	3,44%	6,92%
Santa Catarina	População Economicamente Ativa	641.195	882.229	1.353.090	1.873.092	2.512.180	2.682.355
	Pessoal Ocupado no Comércio	26.853	53.585	100.236	129.304	138.446	228.319
	Participação do pessoal ocupado no Comércio com relação PEA	4,19%	6,07%	7,40%	6,90%	5,51%	8,51%
Mesorregião Grande Florianópolis	População Economicamente Ativa	69.274	96.072	164.935	400.498
	Pessoal Ocupado no Comércio	3.691	6.329	12.788	19.554	25.394	50.075
	Participação do pessoal ocupado no Comércio com relação PEA	5,32%	6,58%	7,75%	12,50%

Fontes: Censo Comercial do Brasil – IBGE ~ 1960-1970-1980.
 Censo Demográfico do Brasil – IBGE -1960-1970-1980.
 Censo Comercial de Santa Catarina - 18GE -1960-1970-1980.
 Censo Demográfico de Santa Catarina - BGE -1960-1970-1980-1991-2000.
 Censos Econômicos - IBGE - 1985 - Municípios região Sul.
 SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

Quanto à participação do número de estabelecimentos comerciais na Mesorregião, poderá ser analisada através do Gráfico 2 que demonstra que: a participação da Mesorregião Grande Florianópolis em relação ao Brasil foi crescente de 1960 a 1980. Em 1985 ocorreu uma leve queda na participação da Mesorregião que é logo recuperada em 1996 e continuou a crescer em 2000. Em relação à Santa Catarina ocorreram as mesmas transformações na participação de estabelecimentos que houve em relação ao Brasil: foi crescente entre 1960-1980, caiu em 1985, recuperou-se em 1996 e seguiu crescente em 2000. Quanto a Santa Catarina em relação ao Brasil a participação também cresceu de 1960 a 1980, houve uma leve queda em 1985 e logo voltou a recuperar o nível de participação em 1996 que seguiu crescendo em 2000.

Gráfico 2 Comparativo da relação do total de estabelecimentos no setor comercial na Mesorregião Grande Florianópolis no total de Brasil e Santa Catarina e Santa Catarina em relação ao Brasil. Período: 1960-2000



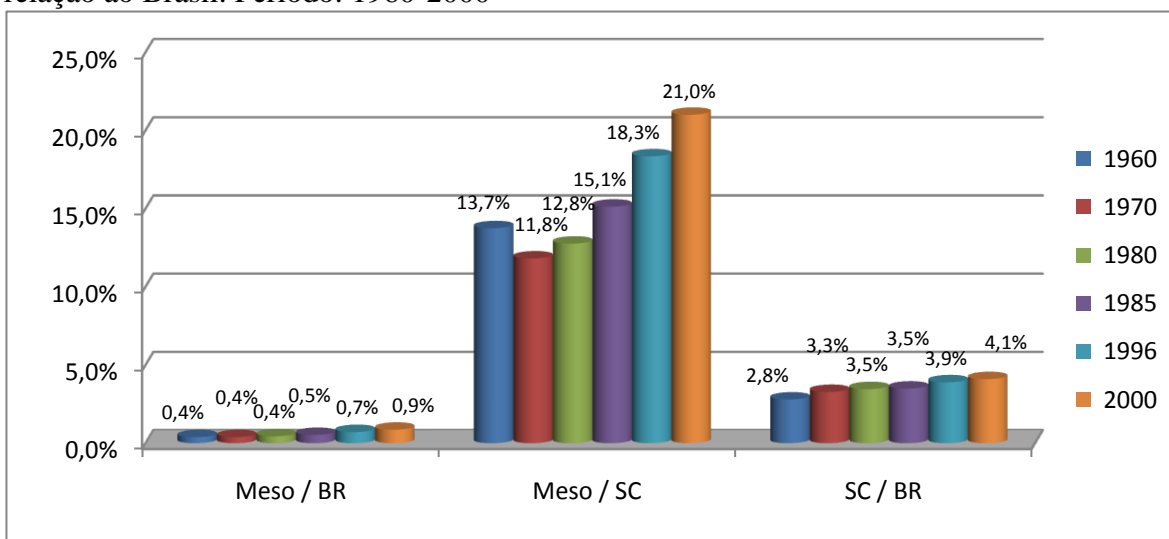
Fontes: Censo Comercial - IBGE - 1960 - 1970 – 1980.

Censos Econômicos - IBGE - 1985 - Municípios Região Sul.

SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

O Gráfico 3 demonstra que a participação do pessoal ocupado no setor comercial na Mesorregião Grande Florianópolis em relação ao Brasil foi crescente em todo o período de 1960 a 2000. Quanto a Mesorregião em relação à Santa Catarina a participação do pessoal ocupado apresentou decréscimo de 1960 para 1970. Em 1980 voltou a crescer e constantemente até 2000. A participação de Santa Catarina em relação ao Brasil também se manteve crescente em todo o período analisado.

Gráfico 3 Comparativo da relação do total de pessoal ocupado no setor comercial na Mesorregião Grande Florianópolis no total de Brasil e Santa Catarina e Santa Catarina em relação ao Brasil. Período: 1960-2000



Fontes: Censo Comercial - IBGE - 1960 - 1970 – 1980.

Censos Econômicos - IBGE - 1985 - Municípios Região Sul.

SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

Cabe ressaltar que municípios influentes na Mesorregião como Florianópolis, segundo Longhi (2003) apresentou crescimento de 94,12% em pessoal ocupado entre 1960-1970 e 79,77% entre 1970-1980. Quanto ao número de estabelecimentos sofreu forte acréscimo de 104,89% entre 1960-1970 e 37,84% no período posterior 1970-1980. Em relação à Palhoça e São José Meurer (2004) ressalta que: o número total de estabelecimentos de Palhoça cresceu 42,54% entre 1960-1970 e 63,95% no período seguinte 1970-1980. O número total de pessoal ocupado no setor comercial em Palhoça obteve crescimento de 72,51% entre 1960-1970 e 96,3% entre 1970-1980. São José em relação ao total de estabelecimentos apresentou aumento de 126,77% entre 1960-1970 e 123,95% no período de 1970-1980. O pessoal ocupado no setor comercial em São José cresceu 159,46% no período de 1960-1970 e 272,02% no período posterior 1970-1980.

5.2 SETOR SERVIÇOS

Os Censos de serviços e as Pesquisas Anuais de Serviços compreenderam as atividades de prestação de serviços nos seguintes segmentos: alojamento e alimentação; reparação, manutenção e instalação; serviços pessoais, de higiene, e de estética; radiodifusão, televisão e diversão; compra, venda e administração de imóveis; e serviços auxiliares diversos.

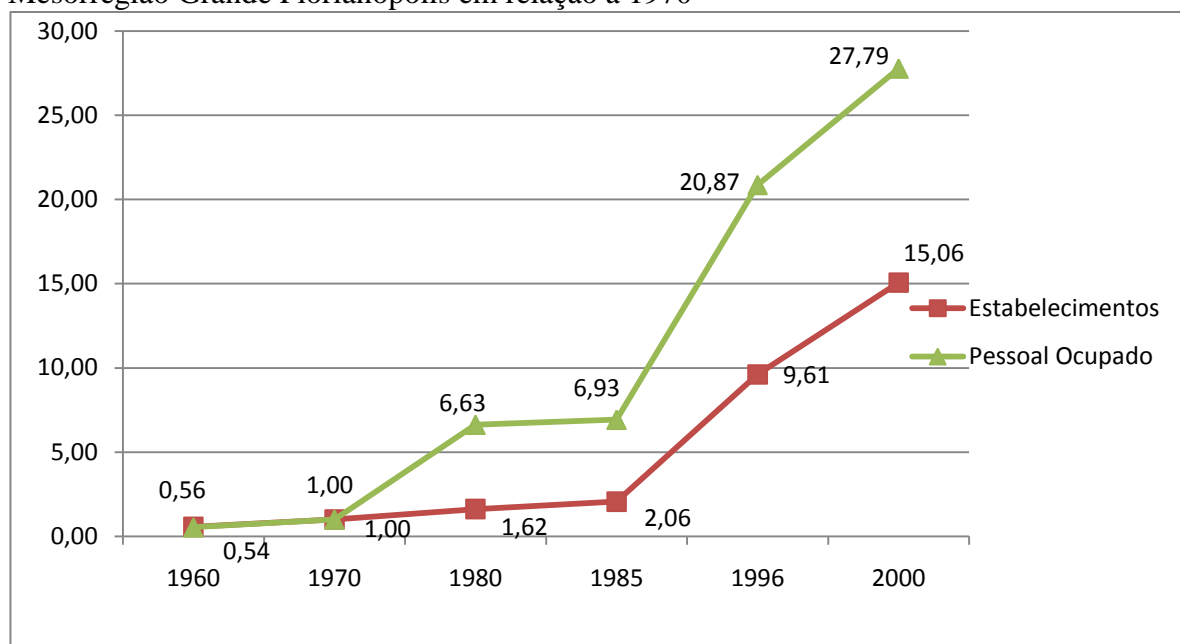
O Gráfico 4 demonstra o nível de crescimento do setor de serviços na Mesorregião Grande Florianópolis para estabelecimentos e pessoal ocupado entre 1960-2000 em relação a 1970 que foi o ano de inauguração da rodovia BR-101.

Quanto ao número de pessoal ocupado constata-se um forte crescimento de 1970 para 1980, mas alcança percentuais impressionantes da década de 90 em diante.

O número de estabelecimentos também foi crescente em todos os períodos em relação a 1970, ano de inauguração da BR-101 e verifica-se seu maior nível de crescimento a partir de 1996, período em que se iniciou a duplicação da rodovia.

O fato do nível de crescimento de pessoal ocupado não ter acompanhado o crescimento de estabelecimentos indica provavelmente que aumentou o número de pequenas empresas.

Gráfico 4 Número de estabelecimentos e de pessoal ocupado no setor de serviços na Mesorregião Grande Florianópolis em relação a 1970



Fontes: Censo de Serviços - IBGE - 1960 - 1970 - 1980.

Censos Econômicos - IBGE - 1985 - municípios região Sul.

SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

A Tabela 9 apresenta o número de estabelecimentos e pessoal ocupado no setor serviços no Brasil, Santa Catarina e Mesorregião Grande Florianópolis.

Na Mesorregião Grande Florianópolis o setor de serviços foi o setor que apresentou maior crescimento durante o período estudado, tanto em número de estabelecimentos quanto em número de pessoal ocupado.

Os dados demonstram claramente um excelente crescimento entre 1960-1970, sendo de 77,09% em número de estabelecimentos e 84,71% em número de pessoal ocupado. Logo, no período seguinte 1970-1980, ocorreu o maior pico de crescimento em pessoal ocupado de todo o período: 563,39%! Em número de estabelecimentos é visto um decréscimo com 61,51%. Logo após, entre 1980-1985 não há mudanças significativas, evoluiu 27,6% em número de estabelecimentos e 4,42% em pessoal ocupado. No período posterior 1985-1996, verifica-se novamente uma explosão de crescimento, dessa vez tanto em número de estabelecimentos, quanto em número de pessoal ocupado. Os percentuais apresentados foram de 367,22% e 201,33%, respectivamente. No último período analisado ainda há crescimento,

porém em um ritmo menos forte, exprimindo percentuais de 56,7% em número de estabelecimentos e 33,13% em número de pessoal ocupado.

Tabela 9 Prestação de Serviços - Estabelecimentos e Pessoal Ocupado no Brasil, Santa Catarina Mesorregião Grande Florianópolis 1960 – 2000

Região	Categoria	1960	1970	1980	1985	1996	2000
Brasil	Estabelecimentos	221.477	313.004	395.797	448.702	966.522	1.394.302
	Pessoal Ocupado	524.488	812.831	2.211.783	2.583.183	5.987.962	7.212.535
Santa Catarina	Estabelecimentos	6.717	11.001	14.455	16.482	54.501	80.900
	Pessoal Ocupado	15.975	24.340	70.455	72.926	201.287	272.571
Mesorregião Grande Florianópolis	Estabelecimentos	515	912	1.473	1.876	8.765	13.735
	Pessoal Ocupado	1.384	2.584	17.142	17.899	53.935	71.802

Fontes: Censo de Serviços - IBGE - 1960 - 1970 – 1980.

Censos Econômicos - IBGE - 1985 - municípios região Sul.

SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

Observa-se na Tabela 9 que o crescimento da Mesorregião Grande Florianópolis para o período de 1960-1970 no setor de serviços foi superior ao do Brasil e de Santa Catarina, tanto para o número de estabelecimentos, quanto para o número de pessoal ocupado. O Brasil apresentou crescimento 41,33% para estabelecimentos e 54,98% para pessoal ocupado, e Santa Catarina 63,78% para estabelecimentos e 52,36% para pessoal ocupado. Entre 1970-1980, a evolução continuou sendo maior na Mesorregião, tendo Brasil demonstrado crescimento de 26,45% em número de estabelecimento e 172,11% em número de pessoal ocupado. Santa Catarina ficou com percentuais acima do nacional, mas abaixo da Mesorregião, com 31,4% para estabelecimentos e 189,46% para pessoal ocupado. No curto período posterior 1980-1985 a Mesorregião fica abaixo apenas no percentual de pessoal ocupado em relação ao percentual nacional. O Brasil apresentou uma evolução de 13,37% em número de estabelecimentos e 16,79% em número de pessoal ocupado e Santa Catarina 14,02% em número de estabelecimentos e 3,51% em número de pessoal ocupado. No próximo período 1985-1996 há um forte crescimento na Mesorregião que fica acima de Brasil e Santa Catarina. No Brasil a evolução no setor de serviços foi de 115,40% para número de estabelecimentos e 131,81% em número de pessoal ocupado, Santa Catarina ficou acima dos

números nacionais com 230,67% para estabelecimentos e 176,02% para pessoal ocupado. Finalmente entre 1996-2000 a Mesorregião continuou a apresentar crescimento superior ao nacional e apenas perdeu em número de pessoal ocupado para Santa Catarina. O Brasil apresentou evolução de 44,26% em estabelecimentos e 20,45% em pessoal ocupado e Santa Catarina ficou acima do percentual nacional em número de estabelecimentos e de pessoal ocupado com 48,44% e 35,41%, respectivamente.

Para analisar a participação do setor na população economicamente ativa, é necessário observar a Tabela 10, que demonstra que a participação na população economicamente ativa cresceu em todos os períodos na Mesorregião Grande Florianópolis.

Tabela 10 Participação do pessoal ocupado no setor de serviços na população economicamente ativa - Período 1960 – 2000

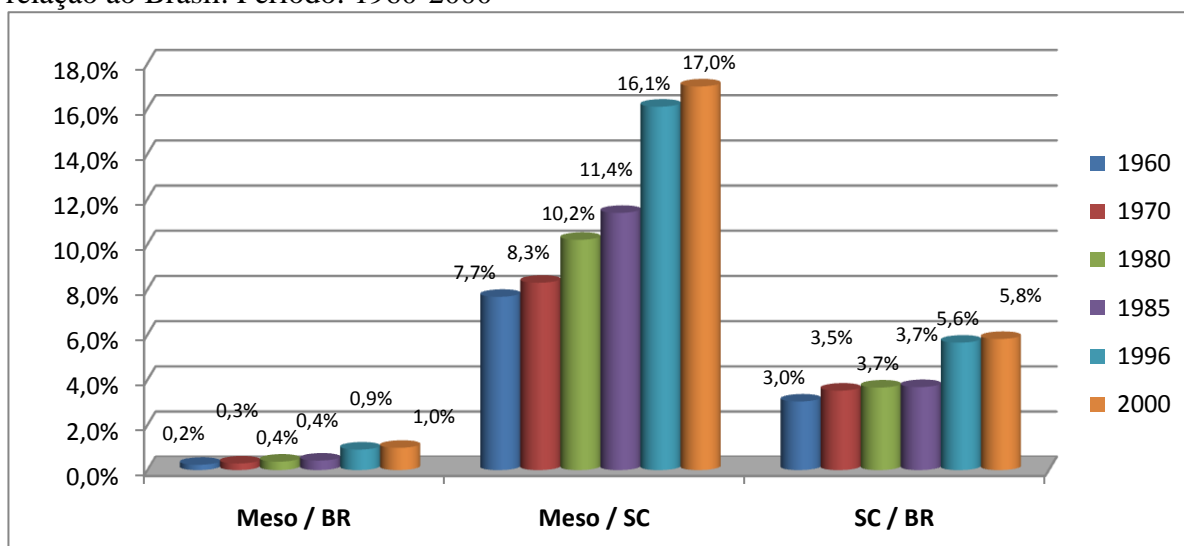
Região	Categoria	1960	1970	1980	1985	1996	2000
Brasil	População Economicamente Ativa	22.750.028	29.557.224	43.235.712	55.098.494	72.996.977	77.467.473
	Pessoal Ocupado no Setor de Serviços	524.488	812.831	2.211.783	2.583.183	5.987.962	7.212.535
	Participação do pessoal ocupado no Setor Serviços com relação PEA	2,31%	2,75%	5,12%	4,69%	8,20%	9,31%
Santa Catarina	População Economicamente Ativa	641.195	882.229	1.353.090	1.873.092	2.512.180	2.682.355
	Pessoal Ocupado no Setor de Serviços	15.975	24.340	70.455	72.926	201.287	272.571
	Participação do pessoal ocupado no Setor Serviços com relação PEA	2,49%	2,76%	6,14%	3,89%	8,01%	10,16%
Mesorregião Grande Florianópolis	População Economicamente Ativa	69.274	96.072	164.935	-	-	400.498
	Pessoal Ocupado no Setor de Serviços	1.384	2.584	17.142	17.899	53.935	71.802
	Participação do pessoal ocupado no Setor Serviços com relação PEA	1,99%	2,68%	10,47%	-	-	17,93%

Fontes: Censo dos Serviços do Brasil e Santa Catarina- IBGE -1960 - 1970 – 1980.
Censo Demográfico do Brasil e Santa Catarina - IBGE - 1960 - 1970 - 1980-1991-2000.
Censos Econômicos - IBGE - 1985 - Municípios Região Sul.
SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

A participação no número de estabelecimentos da Mesorregião Grande Florianópolis em relação ao Brasil e Santa Catarina e de Santa Catarina em relação ao Brasil pode ser observada no Gráfico 5. A participação da Mesorregião em relação ao Brasil e Santa Catarina apresentou crescimento em todos os períodos de 1960 a 2000. O mesmo ocorreu com a Participação de Santa Catarina em relação ao Brasil.

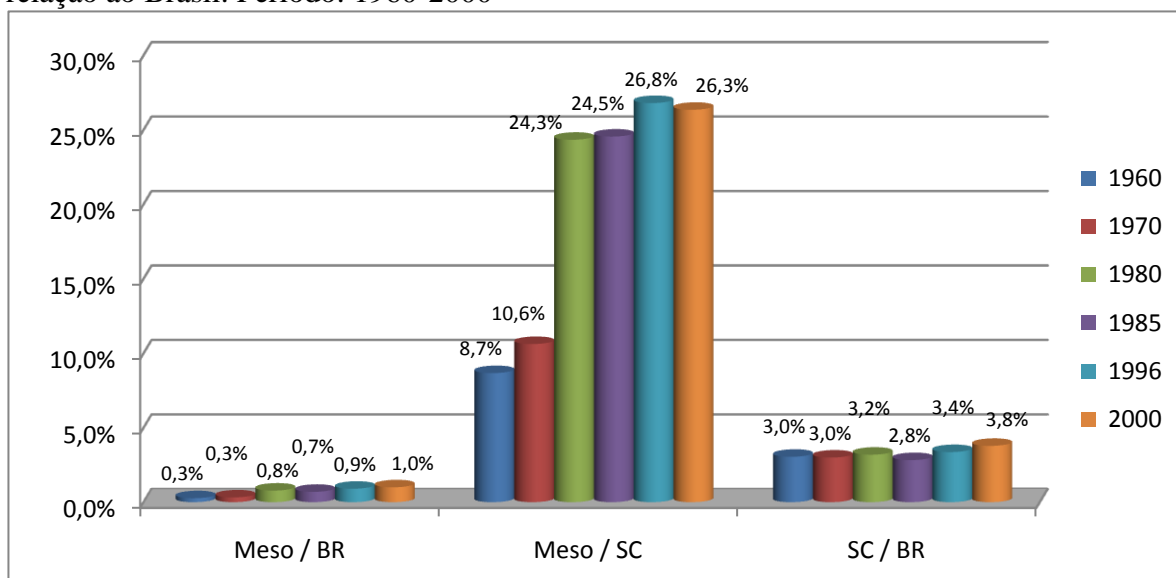
Quanto à participação no número de pessoal ocupado o Gráfico 6 demonstra que: a participação da Mesorregião em relação ao Brasil foi crescente até 1980. Em 1985 sofreu uma queda, em 1996 e 2000 volta a crescer e chega a um nível superior ao apresentado anteriormente. Em relação à Santa Catarina a participação foi crescente de 1960 a 1996, crescendo significativamente a partir de 1980. Somente em 2000 ocorreu uma leve queda no percentual de participação do pessoal ocupado na Mesorregião em relação à Santa Catarina. Ao observar os dados de Santa Catarina em relação ao Brasil nota-se que apresenta crescimento na participação em 1960, no ano de 1970 ocorreu uma leve queda, mas volta a crescer um pouco em 1980, tem-se uma nova queda no ano de 1985 e volta a crescer nos anos de 1996 e 2000.

Gráfico 5 Comparativo da relação do total de estabelecimentos no setor de serviços na Mesorregião Grande Florianópolis no total de Brasil e Santa Catarina e Santa Catarina em relação ao Brasil. Período: 1960-2000



Fontes: Censo dos Serviços do Brasil e Santa Catarina- IBGE -1960 - 1970 - 1980
Censos Econômicos - IBGE - 1985 - Municípios Região Sul.
SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

Gráfico 6 Comparativo da relação do total de pessoal ocupado no setor de serviços na Mesorregião Grande Florianópolis no total de Brasil e Santa Catarina e Santa Catarina em relação ao Brasil. Período: 1960-2000



Fontes: Censo dos Serviços do Brasil e Santa Catarina- IBGE -1960 - 1970 – 1980.
Censos Econômicos - IBGE - 1985 - Municípios Região Sul.
SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

5.3 SETOR INDUSTRIAL

A análise do setor industrial dar-se-á em função do número de estabelecimentos e do número de pessoal ocupado em determinados gêneros da indústria.

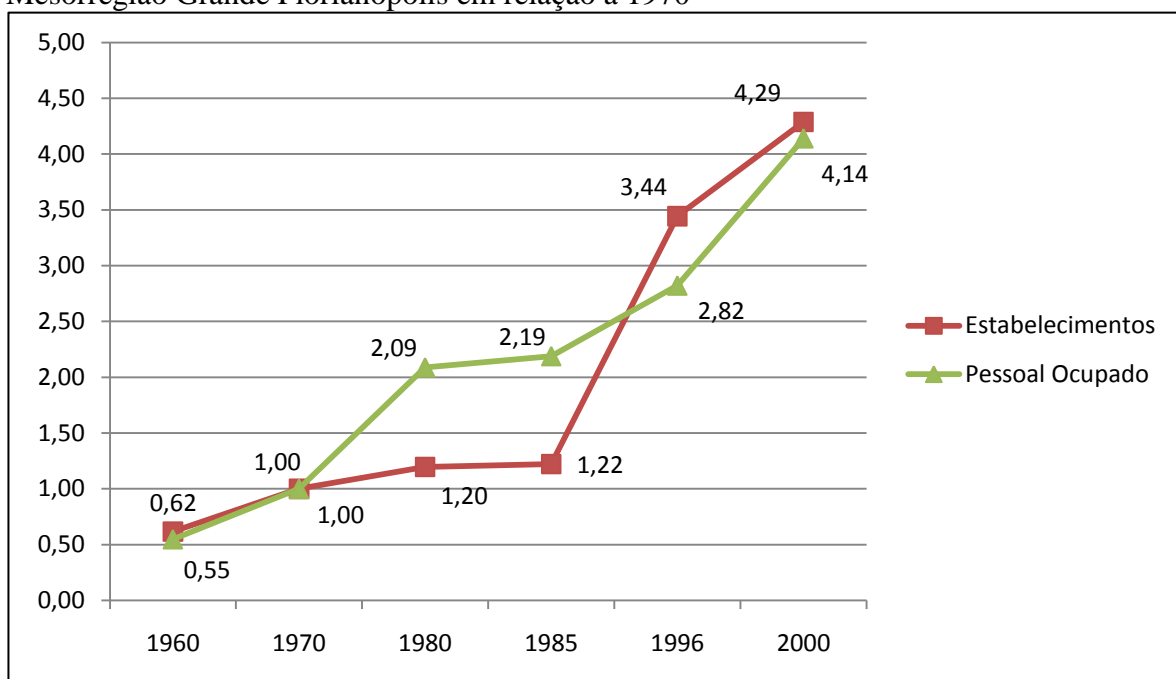
A classificação industrial dos estabelecimentos foi realizada em função do produto principal no caso da unidade de produção fabricar mais de um produto. Dessa forma o produto ou conjunto de produtos da mesma classificação que contribuiu com maior parcela para o valor total da produção do estabelecimento determinou o gênero de indústria em que será classificado.

O valor da produção total do estabelecimento corresponde ao valor da produção total dos produtos fabricados, subtraindo os impostos, bem como as receitas de serviços de natureza industrial ou de acabamento, prestados a terceiros ou para outros estabelecimentos da mesma empresa, discriminando os itens de: valor dos produtos fabricados; receita de serviços industriais prestados a terceiros; receitas de serviços industriais prestados a estabelecimentos da mesma empresa.

O valor da transformação industrial foi calculado, subtraindo-se do valor da produção as importâncias despendidas com emprego de matérias – primas e componentes, material de embalagem e acondicionamento, combustíveis e lubrificantes, energia elétrica consumida e com o pagamento dos serviços contratados. Representa desta forma o valor que o trabalho industrial executado no estabelecimento acresce ao valor das matérias-primas, componentes e materiais consumidos na produção.

O Gráfico 7 apresenta o nível de crescimento do setor industrial na Mesorregião Grande Florianópolis para estabelecimentos e pessoal ocupado entre 1960-2000 em relação a 1970 que foi o ano de inauguração da rodovia BR-101.

Gráfico 7 Número de estabelecimentos e de pessoal ocupado no setor industrial na Mesorregião Grande Florianópolis em relação a 1970



Fontes: Censo Industrial de Santa Catarina - IBGE - 1960 - 1970 - 1980.
Censos Econômicos - IBGE - 1985 - Municípios Região Sul.
SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

O número de pessoal ocupado apresentou crescimento em relação a 1970 durante todo o período, e percebe-se que esse nível é mais elevado após a década de 90, alcançando seu maior nível em 2000 como ocorreu com o setor comercial e de serviços.

O número de estabelecimento segue o mesmo padrão que o de pessoal ocupado, estando sempre crescente após 1970, e alcançando seu ápice a partir de 1996 e 2000.

Constata-se que após a inauguração da rodovia BR-101 ocorreu crescimento no número de estabelecimentos e de pessoal ocupado no setor industrial, mas também houve uma evolução após o início da duplicação da rodovia.

Segundo declarações do então presidente da Associação dos empresários da Região da Grande Florianópolis (AEMFLO) Tito Alfredo Schmitt em 1996 ao jornal Diário Catarinense (1996) a perspectiva de crescimento econômico em relação à duplicação da BR-101 era elevada: “Vai modificar todo o nosso litoral e haverá aumento considerável do nível de crescimento populacional, industrial e do turismo”.

Ao examinar a Tabela 11 verifica-se que o número de estabelecimentos na Mesorregião Grande Florianópolis cresceu 62,08% no período de 1960-1970. Entre 1970-1980 ocorreu um decréscimo no percentual para 19,58% e entre 1980-1985 diminuiu para 2,16% no período. No período posterior 1985-1996 é visto um grande aumento no número de estabelecimentos que cresceu 181,85%, porém entre 1996-2000 a evolução foi de apenas de 24,5%.

Quanto ao número de pessoal ocupado constata-se um crescimento de 82,4% no período de 1960-1970 e um forte aumento para 108,78% entre 1970-1980. No período de 1980-1985 esse crescimento caiu para 4,84%, entre 1985-1996 ocorreu uma recuperação no número de pessoal ocupado que apresentou crescimento de 28,89% e esse crescimento aumentou para 46,73% entre 1996 a 2000.

Através das Tabelas 12 e 13 é possível comparar os dados com Brasil e Santa Catarina e perceber que referente ao número de estabelecimentos industriais, a Mesorregião Grande Florianópolis demonstrou crescimento superior ao nacional e estadual entre 1960-1970, visto que Brasil cresceu 48,77% e Santa Catarina apresentou percentual de menos 39,79%. No período de 1970-1980 o cenário se modifica e a Mesorregião cresceu abaixo, pois o Brasil cresceu 29,96% e Santa Catarina deu um salto para 219,32%. Entre 1980-1985 a Mesorregião volta a crescer acima de Brasil e Santa Catarina em número de estabelecimentos que apresentaram percentuais negativos de 3,27% e 8,27% respectivamente. No próximo período Brasil e Santa Catarina voltaram a crescer com percentuais de 91,55% e 167,14% entre 1985-1996, mas ficam abaixo do crescimento da Mesorregião. Entre 1996-2000 a Mesorregião cresceu acima do Brasil que evoluiu 15,37% e abaixo de Santa Catarina apresentou crescimento de 27,61%.

Tabela 11 Setor Industrial da Mesorregião Grande Florianópolis – 1960-2000

Categoria		1960	1970	1980	1985	1996	2000
Nº Estabelecimentos	Total #	501	812	971	992	2.796	3.481
	Transformação de Produtos Minerais não Metálicos	91	151	158
	Mobiliário	33	69	78
	Têxtil	5	6	12
	Produtos Alimentares	118	141	154
	Editorial e Gráfica	16	14	28
Pessoal Ocupado	Total #	3.261	5948	12.418	13.019	16.780	24.622
	Transformação de Produtos Minerais não Metálicos	...	1.066	2.751
	Mobiliário	...	313	603
	Têxtil	...	394	356
	Produtos Alimentares	...	1.357	2.050
	Editorial e Gráfica	...	143	729
Valor da Produção (VP)*	Total #	89.557	92.769	12.336.611	1.088.317.993
	Transformação de Produtos Minerais não Metálicos	...	7.498	2.052.358
	Mobiliário	...	3.044	205.132
	Têxtil	...	5.549	150.971
	Produtos Alimentares	...	37.531	5.985.068
	Editorial e Gráfica	...	1.672	407.719
Valor da Transformação Industrial (VTI) *	Total #	453.467	45.967	6.146.438	628.696.696
	Transformação de Produtos Minerais não Metálicos	...	5.166	1.344.513
	Mobiliário	...	1.601	15.739
	Têxtil	...	3.057	85.118
	Produtos Alimentares	...	15.160	2.445.642
	Editorial e Gráfica	...	1.066	296.658

Fontes: Censo Industrial de Santa Catarina - IBGE - 1960 - 1970 - 1980.

Censos Econômicos - IBGE - 1985 - Municípios Região Sul.

SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

Notas: * VP e VTI em Cr\$ 1.000 (mil cruzeiro) de 1960-1985 e em R\$ 1.000 (mil reais) de 1996-2000.

Valor total de todos os estabelecimentos.

- Dados inexistentes.

Tabela 12 Setor Industrial do Brasil – 1960-2000

Categoria		1960	1970	1980	1985	1996	2000
Nº Estabelecimentos	Total #	110.771	164.793	214.158	207.157	396.803	457.810
	Transformação de Produtos Minerais não Metálicos	18.146	25.367	43.170	28.974	26.510	32.069
	Mobiliário	8.160	13.127	12.667	13.759	35.199	40.347
	Têxtil	4.272	5.309	6.062	5.570	15.659	17.000
	Produtos Alimentares	33.534	46.815	49.366	43.034	66.713	78.893
	Editorial e Gráfica	3.389	5.526	8.328	9.053	25.721	31.248
Pessoal Ocupado	Total #	1.799.316	2.699.969	5.004.522	5.608.704	4.238.821	5.683.494
	Transformação de Produtos Minerais não Metálicos	163.680	236.506	437.405	365.643	216.072	326.659
	Mobiliário	63.471	105.322	174.685	186.467	223.482	326.941
	Têxtil	342.839	377.600	417.750	351.360	248.899	294.517
	Produtos Alimentares	266.103	372.401	622.062	733.199	803.220	1.016.353
	Editorial e Gráfica	60.625	97.087	142.078	164.523	170.233	234.968
Valor da Produção (VP)*	Total #	1.194.784.551	118.427.561	9.738.340.472	1.132.811.769.037	340.793.706	100.123.737
	Transformação de Produtos Minerais não Metálicos	53.383.277	4.853.764	403.069.791	33.178.100.772	10.674.794	18.221.500
	Mobiliário	21.713.718	2.078.768	141.348.496	12.946.086.093	7.479.529	8.363.316
	Têxtil	148.008.936	10.823.995	616.333.700	61.887.669.456	12.348.112	17.110.233
	Produtos Alimentares	284.987.045	23.542.676	1.332.500.457	172.320.771.707	67.556.938	100.123.737
	Editorial e Gráfica	26.953.708	2.936.666	154.714.565	14.448.553.199	8.621.368	16.347.394
Valor da Transformação Industrial (VTI)*	Total #	553.918.842	54.837.311	4.017.104.045	523.906.798.448	160.527.063	35.987.584
	Transformação de Produtos Minerais não Metálicos	35.509.439	3.134.408	228.554.620	20.522.941.485	5.510.451	9.604.259
	Mobiliário	11.877.940	1.116.058	70.199.860	6.844.398.486	3.570.643	3.139.548
	Têxtil	64.839.021	4.976.927	251.520.048	28.434.008.601	5.375.986	7.216.394
	Produtos Alimentares	88.986.724	7.178.391	394.759.091	57.405.540.462	28.018.982	35.987.584
	Editorial e Gráfica	16.211.677	1.958.090	102.054.656	9.278.233.948	6.087.067	10.462.696

Fontes: Censo Industrial de Brasil - IBGE - 1960 - 1970 - 1980.

Censos Econômicos - IBGE - 1985 - Municípios Região Sul.

SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

Notas: * VP e VTI em Cr\$ 1.000 (mil cruzeiro) de 1960-1985 e em R\$ 1.000 (mil reais) de 1996-2000.

Valor total de todos os estabelecimentos.

- Dados inexistentes.

Tabela 13 Setor Industrial de Santa Catarina – 1960-2000

Categoria		1960	1970	1980	1985	1996	2000
Nº Estabelecimentos	Total #	5.914	3.561	11.371	10.431	27.865	35.558
	Transformação de Produtos Minerais não Metálicos	781	341	1.596	1.143	1.888	2.375
	Mobiliário	455	225	946	906	2.725	3.388
	Têxtil	138	164	338	242	1.626	1.845
	Produtos Alimentares	1.244	644	2.003	1.723	3.747	5.032
	Editorial e Gráfica	99	85	235	290	944	1.300
Pessoal Ocupado	Total #	61.517	109.172	276.813	310.272	293.208	431.095
	Transformação de Produtos Minerais não Metálicos	4.572	8.228	27.862	25.319	19.030	26.103
	Mobiliário	3.158	5.102	14.901	17.729	18.662	32.965
	Têxtil	11.814	21.740	34.953	28.096	32.144	43.612
	Produtos Alimentares	6.689	10.604	27.323	37.369	46.749	65.686
	Editorial e Gráfica	752	1.087	3.129	3.805	4.514	7.390
Valor da Produção (VP)*	Total #	26.334.875	2.850.074	381.526.265	42.842.518.947	15.694.990	24.899.329
	Transformação de Produtos Minerais não Metálicos	850.472	99.219	20.290.648	1.791.445.697	809.841	1.245.743
	Mobiliário	566.954	66.701	10.810.055	1.110.013.811	560.946	707.131
	Têxtil	3.862.191	452.862	53.880.671	6.092.765.032	1.661.034	2.553.129
	Produtos Alimentares	6.928.954	617.144	72.812.931	11.572.314.554	4.138.130	6.111.955
	Editorial e Gráfica	208.486	14.481	1.668.850	175.922.783	126.785	230.806
Valor da Transformação Industrial (VTI)*	Total #	13.033.605	1.406.768	168.628.106	19.388.881.594	7.188.171	11.209.822
	Transformação de Produtos Minerais não Metálicos	615.471	65.100	12.962.937	1.112.449.887	391.619	575.841
	Mobiliário	358.015	35.877	5.991.059	618.236.568	292.295	286.687
	Têxtil	2.051.778	255.282	18.669.961	2.230.029.220	759.917	1.124.055
	Produtos Alimentares	2.215.209	195.996	20.385.855	13.671.444.037	1.412.168	2.116.529
	Editorial e Gráfica	120.825	9.615	1.092.483	108.453.482	94.539	151.723

Fontes: Censo Industrial de Santa Catarina - IBGE - 1960 - 1970 - 1980.

Censos Econômicos - IBGE - 1985 - Municípios Região Sul.

SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

Notas: * VP e VTI em Cr\$ 1.000 (mil cruzeiro) de 1960-1985 e em R\$ 1.000 (mil reais) de 1996-2000.

Valor total de todos os estabelecimentos.

- Dados inexistentes.

Analisou-se o crescimento do número de pessoal ocupado, notou-se que no período de 1960-1970 a Mesorregião Grande Florianópolis cresceu acima do Brasil, e de Santa Catarina que evoluíram 50% e 77%, respectivamente. No período de 1970-1980 a Mesorregião cresceu acima do Brasil que apresentou percentual de 85%, mas abaixo de Santa Catarina com 154%. Entre 1980-1985 voltou a crescer acima do nível nacional e estadual apresentaram percentuais negativos com 24% e 5% respectivamente. O crescimento no número de pessoal ocupado na Mesorregião no período de 1996 a 2000 foi superior ao Brasil que cresceu 34% e inferior à Santa Catarina com 47%.

Objetivou-se examinar se houve aumento na produtividade no decorrer do período estudado, efetuou-se uma fórmula para o cálculo da produtividade na indústria para cada década na Mesorregião Grande Florianópolis, assim como também para o Brasil e Santa Catarina⁴. Em virtude da falta de dados por município nos anos de 1996 e 2000, não foi possível analisar a produtividade nesses dois períodos. Na comparação da produtividade da Mesorregião com Brasil e Santa Catarina no período de 1960-1985, foram feitas as seguintes constatações na observação do Gráfico 8.

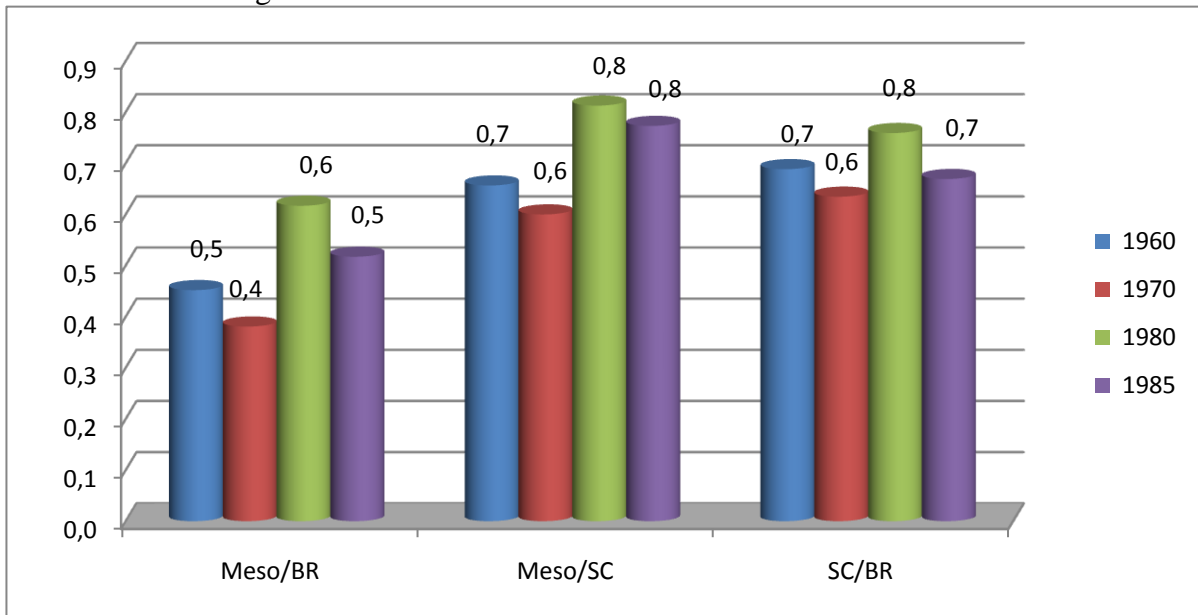
Houve um decréscimo da razão da produtividade Mesorregião Grande Florianópolis em relação ao Brasil e Santa Catarina de 1960-1970, indicando que a região obteve perdas de produtividade em relação ao Brasil e a Santa Catarina. No período posterior referente a 1970-1980 houve aumento na razão da produtividade tanto em relação ao Brasil quanto em Santa Catarina, portanto constata-se que a Mesorregião apresentou ganhos de produção superiores ao nacional e estadual. Entre 1980-1985 verificou-se um declínio na produtividade da Mesorregião em relação a produtividade do Brasil e de Santa Catarina, demonstrando que novamente Brasil e Santa Catarina apresentaram ganhos de produtividade superiores a Mesorregião.

Santa Catarina demonstrou que entre 1960-1970 não obteve ganhos de produtividade em relação ao Brasil. Entre 1970-1980 apresentou maior produtividade em relação a nacional e entre 1980-1985 o Brasil voltou a obter ganhos de produtividade superiores a Santa Catarina.

Percebe-se que a Mesorregião apresentou um pequeno aumento de produtividade para a indústria após a construção da BR-101. Pode-se observar que o investimento efetuado na construção da rodovia refletiu no desenvolvimento econômico do setor industrial.

⁴ Fórmula utilizada para o cálculo da produtividade: $P=VTI/PO$, onde “P” é produtividade, “VTI” é valor de transformação industrial e “PO” é total de pessoal ocupado na indústria.

Gráfico 8 Comparativo da relação Produtividade da Mesorregião e Santa Catarina com o Brasil e da Mesorregião com Santa Catarina. Período: 1960-1985



Fontes: Elaborado a partir das tabelas 8, 9 e 10.

Censo Industrial do Brasil - IBGE - 1960 - 1970 - 1980.

Censo Industrial de Santa Catarina - IBGE - 1960 - 1970 - 1980.

Censos Econômicos - IBGE - 1985 - Municípios Região Sul .

A Tabela 14 apresenta a participação do setor industrial na população economicamente ativa do Brasil, de Santa Catarina e da Mesorregião Grande Florianópolis. Através da análise dos dados constatou-se que: a participação da indústria em Santa Catarina superou a do Brasil em todos os períodos, e que esta superação foi mais significativa em 1980 quando foi de 20,46% contra 11,57% do Brasil e continuou com bons percentuais de participação em 1985-1996 e 2000. Dessa forma é possível perceber o desenvolvimento industrial ocorrido no estado após 1970, elevando sua importância no cenário industrial nacional, conforme visto na seção 3.5.

A Mesorregião Grande Florianópolis, quanto à participação da indústria na população economicamente ativa apresentou-se abaixo do Brasil e de Santa Catarina em todos os períodos estudados. Seu maior nível de participação foi em 1980 quando passou de 6,19% para 7,52%. Devido à falta de dados não foi possível verificar a participação em 1985 e 1996, mas em 2000 pode-se observar que o nível manteve-se em torno de 6,14%.

Tabela 14 Participação do pessoal ocupado na Indústria na população economicamente ativa

Região	Categoria	1960	1970	1980	1985	1996	2000
Brasil	População Economicamente Ativa	22.750.028	29.557.224	43.235.712	55.098.494	72.996.977	77.467.473
	Pessoal Ocupado na Indústria	1.799.376	2.699.969	5.004.522	5.608.704	4.238.821	5.683.494
	Participação do pessoal ocupado na Indústria com relação PEA	7,90%	9,13%	11,57%	10,18%	5,81%	7,33%
Santa Catarina	População Economicamente Ativa	641.195	882.229	1.353.090	1.873.092	2.512.180	2.682.355
	Pessoal Ocupado na Indústria	69.682	120.045	276.813	310.272	293.208	431.095
	Participação do pessoal ocupado na Indústria com relação PEA	10,86%	13,60%	20,46%	16,56%	11,67%	16,07%
Mesorregião Grande Florianópolis	População Economicamente Ativa	69.274	96.072	164.935	400.498
	Pessoal Ocupado na Indústria	3.261	5948	12.418	13.019	16.780	24.622
	Participação do pessoal ocupado na Indústria com relação PEA	4,70%	6,19%	7,52%	6,14%

Fontes: Censo Industrial do Brasil e Santa Catarina - IBGE - 1960 - 1970 – 1980.

Censo Demográfico do Brasil e Santa Catarina- IBGE - 1960 -1970 -1980 -2000.

Censo Econômico - IBGE - 1985 - Municípios Região Sul.

SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

Através dos dados percebe-se que o setor foi de grande importância no desenvolvimento dos municípios que compõem a Mesorregião Grande Florianópolis.

O setor industrial mesmo não sendo o que apresentou maior parcela na população economicamente ativa se comparado ao setor comercial e o setor de serviços, significou um setor representativo para a economia da Mesorregião.

6 CONCLUSÃO

A construção da BR-101, como fator de desenvolvimento da economia na Mesorregião Grande Florianópolis, configurou o foco da análise dentre os vários aspectos abordados nesse trabalho.

Conforme visto na seção 3.1 o desenvolvimento no setor de transportes é primordial para o crescimento econômico de uma região, mas para ocorrer tal desenvolvimento é necessário que haja políticas públicas em infra-estrutura para que ocorram investimentos no setor.

Foi visto que nas regiões onde há investimento público em infra-estrutura de transportes, há também maior crescimento econômico visto através do fluxo populacional que migra para essas regiões em busca de melhores oportunidades de trabalho.

O crescimento observado em Santa Catarina e na Mesorregião Grande Florianópolis após 1970 não foi reflexo somente da construção da BR-101. Havia todo um contexto político e econômico que propiciou essa expansão econômica. A expansão econômica oriunda do processo de industrialização e do milagre econômico entre 1968-1973 foi propulsor da abertura de novos setores da economia catarinense.

A inauguração da BR-101 na década de 70 foi de importante relevância no desempenho econômico dos municípios abrangido pela Mesorregião Grande Florianópolis. Não se pode deixar de mencionar que alguns municípios obtiveram resultados significativos como Florianópolis, Palhoça e São José.

Segundo Longhi (2003) Florianópolis sofreu uma grande transformação a partir da década de 70, que pode ser observada através do crescimento populacional, o crescimento significativo no setor de serviços e pelo desenvolvimento gradual do setor de serviços.

Meurer (2004) destacou que Palhoça e São José sofreram grande influência de Florianópolis. O desenvolvimento após a construção da BR-101 pode ser visto através da explosão demográfica, o que exigiu um melhor desempenho do comércio, indústria e do setor de serviços. Houve destaque para o setor de serviços que foi o que mais cresceu no período, porém a indústria gerou mais postos de trabalho.

Na Mesorregião Grande Florianópolis também se observou importante crescimento econômico após a construção da BR-101 na década de 70.

Alguns reflexos desse período ficaram visíveis nos dados demográficos, da indústria, comércio e do setor de serviços da Mesorregião. Na seção 4.1 se constatou que o crescimento

na área urbana da Mesorregião foi superior ao Brasil e Santa Catarina em todos os períodos analisados.

O setor de serviços foi o que mais evoluiu, reflexo também do crescimento visto nos municípios de Florianópolis, Palhoça e São José, apresentando percentuais bem superiores ao nacional e ao estadual.

A participação do setor serviços na população economicamente ativa de Santa Catarina, também foi o que mais gerou postos de trabalho após a década de 70, superando os setores de indústria e comércio.

O setor industrial mesmo não sendo o setor que mais cresceu ou que empregou no período analisado foi de relevante importância no crescimento da Mesorregião Grande Florianópolis, pois apresentou maior produtividade entre 1970-1980, em relação ao Brasil e Santa Catarina.

Finalmente constatou-se que a BR-101 refletiu positivamente em conjunto com outros fatores como a construção da Universidade Federal de Santa Catarina, as políticas públicas de cada município, os ciclos econômico que vieram a influenciar no desenvolvimento econômico da Mesorregião Grande Florianópolis, proporcionando um novo contexto industrial, comercial e de serviços e reforçando os resultados já obtidos nas pesquisas anteriores.

Nesse estudo constatou-se que há uma grande dificuldade em se coletar séries antigas para PIB por município, por esse motivo trabalhou-se com Valor de Produção e Valor de Transformação Industrial.

Sugerem-se para futuros estudos que se faça uma busca mais profunda de PIB (caso existam dados de séries antigas) por município, que se analisem as políticas públicas municipais e também se continuem as pesquisas em outras Mesorregiões do Estado de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS

BARAT, Josef. **A evolução dos transportes no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, IPEA, 1978. p. 9-105

BARAT, Josef. **Processo decisório nas políticas públicas e no planejamento dos transportes: uma agenda para avaliação de desempenho**. Rio de Janeiro: APEC, 1979.p.18-51

BRASIL. Secretaria de Planejamento da Presidência da Republica. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo comercial Santa Catarina**. 7. Recenseamento geral - 1970. Serie Regional. V. 6, n. 20.

BRASIL. Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo comercial Santa Catarina**. 9. Recenseamento geral do Brasil-1980. Rio de Janeiro: IBGE, 1984. VA, n.21.

BRASIL. Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos comerciais e dos serviços de 1960**: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. 7. Recenseamento geral e do Brasil. Série Regional, v. 4, n.9.

BRASIL. Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico de 1960**: 7. Recenseamento geral do Brasil. Serie Regional, v. 1, n. 15.

BRASIL. Secretaria de Planejamento da Presidência da República. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico Santa Catarina**: 8. Recenseamento geral - 1970. Serie Regional, v. 1, n. 20.

BRASIL. Secretaria de Planejamento da Presidência da Republica. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censos Econômicos**, Municípios Região Sul. Recenseamento geral do Brasil-1985.

BRASIL. Secretaria de Planejamento da Presidência da Republica. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**: mão-de-obra. 9 Recenseamento geral do Brasil-1991.

BRASIL. Secretaria de Planejamento da Presidência da Republica. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo dos serviços**: Santa Catarina. 8. Recenseamento geral- 1970. Serie Regional v. 7, n. 20.

BRASIL. Secretaria de Planejamento da Presidência da Republica. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo dos serviços: 9.** Recenseamento geral do Brasil-1980. Rio de Janeiro: IBGE, 1984, v. 5, n. 21.

BRASIL. Secretaria de Planejamento da Presidência da Republica. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo industrial de 1960:** Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul. 7. Recenseamento geral do Brasil. Serie Regional, v. 3, n. 7.

BRASIL. Secretaria de Planejamento da Presidência da Republica. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo industrial: Brasil.** 8. Recenseamento geral 1970. Serie Nacional, v.1.

BRASIL. Secretaria de Planejamento da Presidência da Republica. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo industrial: Santa Catarina.** 8. Recenseamento geral- 1970. Serie regional, v. 4, n. 20.

BRASIL. Secretaria de Planejamento da Presidência da Republica. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo industrial: dados gerais.** 9. Recenseamento geral do Brasil- 1980. Rio de Janeiro: IBGE, 1984, v. 3, tomo 2, parte 1, n. 21.

BRASIL. Secretaria de Planejamento da Presidência da Republica. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo industrial: dados gerais.** 9. Recenseamento geral do Brasil- 1980. Rio de Janeiro: IBGE, 1984, v. 3, tomo 2, parte 1, n. 1.

BRASIL. Banco de dados agregados - SIDRA. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cadastro Central de empresas.** In: www.ibge.gov.br. Dados comerciais, industriais e de serviços. Brasil, Santa Catarina e Municípios. Tabela 1734-1735, 1996 e 2000.

FREITAS, Horácio. **Construção da BR demorou 18 anos.** Santa Catarina. Jornal Diário Catarinense. Setembro/1993.

FREITAS, Horácio. **Aemflo debate projeto da 101.** Santa Catarina. Jornal Diário Catarinense. Agosto/1996.

GOULARTI FILHO, Alcides. **Formação Econômica de Santa Catarina.** Florianópolis, SC: Cidade Futura, 2002.

GRACIANO, Marcio Lucas. **Transportes: fator básico de desenvolvimento econômico e social.** Rio de Janeiro: Ministério dos transportes, Serviço de documentação, 1971.

LONGHI, Karina Coelho. **Desenvolvimento sócio-econômico de Florianópolis e sua relação com a construção da BR-101 no período de 1960-1980.** 2003.80f. Monografia (graduação em economia) – Departamento de Economia – Universidade Federal de Santa Catarina. 2003.

MEURER, Tereza Cristina. **O impacto da BR-101 no crescimento econômico dos municípios de Palhoça e São José no período de 1960 a 1980.** 2004. 74f. Monografia (graduação em Economia)- Departamento de Economia – Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2004.

RESENDE, Eliseu. **As rodovias e o desenvolvimento do Brasil**, In: CONGRESSO MUNDIAL DA FEDERAÇÃO INTERNACIONAL, 7, Munique, 1973.

SALLES, Colombo Machado. **Integração micro e Macrorregional**. In: CORRÊA, Carlos Humberto. ET AL A realidade catarinense no século XX. Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. Santa Catarina, 2000.

TORRES, Carlos Eduardo da Gama. **Transportes e desenvolvimento regional: uma análise de equilíbrio geral computável sobre os impactos na melhoria da infra-estrutura de transporte rodoviário em minas gerais**. 2009.169f. Tese (Doutorado em economia) - Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

ANEXOS

Tabela A População Total do Brasil, Santa Catarina, e Mesorregião Grande Florianópolis 1960 - 2000

Região	População	1960	1970	1980	1991	2000
Águas Mornas	Total	-	4.678	4.623	4.611	5.390
	Urbana	-	95	744	1.042	1.715
	Rural	-	4.583	3.879	3.569	3.675
Angelina	Total	-	3.509	6.667	6.268	5.776
	Urbana	-	378	658	733	1.015
	Rural	-	3.131	6.009	5.535	4.761
Anitápolis	Total	-	4.623	4.591	3.564	3.234
	Urbana	-	481	560	1.030	1.114
	Rural	-	4.142	4.031	2.534	2.120
Antônio Carlos	Total	-	5.624	5.417	5.613	6.434
	Urbana	-	502	718	977	1.760
	Rural	-	5.122	4.699	4.636	4.674
Biguaçu	Total	22.380	11.354	21.434	34.063	48.077
	Urbana	5.558	5.767	16.101	28.207	42.907
	Rural	16.822	5.587	5.333	5.856	5.170
Canelinha	Total	-	7.434	7.155	8.165	9.004
	Urbana	-	1.940	3.127	3.726	4.292
	Rural	-	5.494	3.958	4.439	4.712
Florianópolis	Total	97.897	138.337	187.831	255.390	342.315
	Urbana	77.585	115.547	161.733	239.996	332.185
	Rural	20.242	115.547	26.098	15.394	10.130
Garopaba	Total	-	7.458	8.237	9.918	13.164
	Urbana	-	1.860	2.922	5.178	10.722
	Rural	-	5.598	5.315	4.740	2.442
Governador Celso Ramos	Total	-	7.521	7.812	9.629	11.598
	Urbana	-	3.881	4.325	7.472	10.842
	Rural	-	3.640	3.487	2.157	756
Leoberto Leal	Total	-	125	4.238	4.268	3.739
	Urbana	-	6	293	481	457
	Rural	-	119	3.945	3.787	3.282
Major Gercino	Total	-	3.021	3.846	2.277	3.143
	Urbana	-	600	854	720	977
	Rural	-	2.421	2.992	1.557	2.166
Nova Trento	Total	13.058	7.021	9.113	9.122	9.852
	Urbana	2.907	2.886	3.610	5.236	6.673
	Rural	10.151	4.135	5.503	3.886	3.179
Palhoça	Total	27.789	14.636	38.031	68.430	102.742
	Urbana	4.175	6.008	35.089	65.791	97.914
	Rural	23.614	8.628	2.942	2.639	4.828
Paulo Lopes	Total	-	5.711	5.491	5.530	5.924
	Urbana	-	453	2.172	2.818	3.554
	Rural	-	5.258	3.319	2.712	2.370

(Continua)

Rancho Queimado	Total	-	2.371	2.515	2.359	2.637
	Urbana	-	885	799	937	1.103
	Rural	-	312	1.716	1.422	1.534
Santo Amaro da Imperatriz	Total	16.921	573	11.317	13.392	15.708
	Urbana	2.462	10.362	5.884	7.701	12.536
	Rural	14.459	2.577	5.433	5.691	3.172
São Bonifácio	Total	-	3.403	3.533	3.373	3.218
	Urbana	-	350	583	656	682
	Rural	-	3.053	2.950	2.717	2.536
São João Batista	Total	12.290	7.598	10.686	12.765	14.861
	Urbana	3.123	4.081	5.933	8.281	11.273
	Rural	9.167	3.517	4.753	4.484	3.588
São José	Total	31.192	42.535	87.817	139.493	173.559
	Urbana	4.347	22.946	79.200	128.375	171.230
	Rural	26.845	15.852	8.617	11.118	2.329
São Pedro de Alcântara	Total	-	-	-	-	3.584
	Urbana	-	-	-	-	2.096
	Rural	-	-	-	-	1.488
Tijucas	Total	17.163	12.774	14.596	19.650	23.499
	Urbana	5.489	6.462	8.981	14.334	18.711
	Rural	11.674	6.312	5.615	5.316	4.788

Fontes: Censo Demográfico do Brasil- IBGE - 1960 - 1970 - 1980 -1991 - 2000.

Censo Demográfico de Santa Catarina - IBGE - 1960 - 1970 -1980 -1991 - 2000.

Tabela B Setor industrial- Estabelecimentos e Pessoal Ocupado nos municípios que compõem a Mesorregião Grande Florianópolis 1960 – 2000

Região	Categoria	1960	1970	1980	1985	1996	2000
Águas Mornas	Estabelecimentos	-	10	11	5	10	12
	Pessoal Ocupado	-	22	104	22	86	56
Angelina	Estabelecimentos	-	27	20	28	12	13
	Pessoal Ocupado	-	67	94	155	22	55
Anitápolis	Estabelecimentos	-	26	26	16	11	20
	Pessoal Ocupado	-	78	206	82	24	108
Antonio Carlos	Estabelecimentos	-	21	27	20	36	48
	Pessoal Ocupado	-	50	150	70	291	478
Biguaçu	Estabelecimentos	41	41	50	37	135	167
	Pessoal Ocupado	150	189	775	781	1.083	1.732
Canelinha	Estabelecimentos	-	54	60	66	125	165
	Pessoal Ocupado	-	323	844	700	540	935
Florianópolis	Estabelecimentos	125	163	196	261	848	972
	Pessoal Ocupado	1.665	2.301	3.126	3.232	3.951	4.852
Garopaba	Estabelecimentos	-	10	12	7	64	71
	Pessoal Ocupado	-	57	36	44	291	418
Governador Celso Ramos	Estabelecimentos	-	10	11	12	14	20
	Pessoal Ocupado	-	224	344	233	21	136
Leoberto Leal	Estabelecimentos	-	9	6	3	1	4
	Pessoal Ocupado	-	13	26	40	-	7
Major Gercino	Estabelecimentos	-	32	26	13	15	18
	Pessoal Ocupado	-	73	103	35	57	66
Nova Trento	Estabelecimentos	42	56	36	38	66	104
	Pessoal Ocupado	231	235	125	209	247	977
Palhoça	Estabelecimentos	116	81	79	56	291	386
	Pessoal Ocupado	280	501	1.063	881	1.474	2.318
Paulo Lopes	Estabelecimentos	-	21	24	19	20	30
	Pessoal Ocupado	-	75	143	133	80	102
Rancho Queimado	Estabelecimentos	-	9	6	6	12	16
	Pessoal Ocupado	-	46	54	65	102	110
Santo Amaro da Imperatriz	Estabelecimentos	28	26	36	14	54	77
	Pessoal Ocupado	129	159	228	153	251	338
São Bonifácio	Estabelecimentos	-	32	36	23	23	27
	Pessoal Ocupado	-	78	210	103	63	105
São João Batista	Estabelecimentos	25	77	94	125	210	252
	Pessoal Ocupado	165	465	931	1.661	1.651	2.158
São José	Estabelecimentos	86	54	174	224	762	917
	Pessoal Ocupado	338	565	2.810	3.361	4.871	7.385
São Pedro de Alcântara	Estabelecimentos	-	-	-	-	-	14
	Pessoal Ocupado	-	-	-	-	-	73
Tijucas	Estabelecimentos	48	45	41	40	87	148
	Pessoal Ocupado	303	409	1.046	1.161	1.675	2.213

Fontes: Censo Industrial de Santa Catarina - IBGE - 1960 - 1970 - 1980.

Censos Econômicos - IBGE - 1985 - municípios região Sul.

SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000

Tabela C Setor Comercial - Estabelecimentos e Pessoal Ocupado nos municípios que compõem a Mesorregião Grande Florianópolis 1960 – 2000

Região	Categoria	1960	1970	1980	1985	1996	2000
Águas Mornas	Estabelecimentos	-	27	20	16	20	35
	Pessoal Ocupado	-	44	47	34	24	80
Angelina	Estabelecimentos	-	60	52	31	54	60
	Pessoal Ocupado	-	109	108	78	74	109
Anitápolis	Estabelecimentos	-	30	51	27	34	50
	Pessoal Ocupado	-	58	92	61	62	86
Antonio Carlos	Estabelecimentos	-	29	26	28	62	98
	Pessoal Ocupado	-	32	47	61	126	196
Biguaçu	Estabelecimentos	95	100	207	153	454	570
	Pessoal Ocupado	172	181	507	495	838	1.412
Canelinha	Estabelecimentos	-	60	40	30	77	95
	Pessoal Ocupado	-	103	84	64	148	268
Florianópolis	Estabelecimentos	614	1.258	1.734	1.768	5.848	7.935
	Pessoal Ocupado	2.521	4.894	8.798	11.949	13.570	26.865
Garopaba	Estabelecimentos	-	61	85	47	188	298
	Pessoal Ocupado	-	101	171	124	328	722
Governador Celso Ramos	Estabelecimentos	-	76	77	69	85	114
	Pessoal Ocupado	-	81	147	146	144	269
Leoberto Leal	Estabelecimentos	-	22	26	21	25	32
	Pessoal Ocupado	-	24	45	35	36	52
Major Gercino	Estabelecimentos	-	31	29	18	31	32
	Pessoal Ocupado	-	63	64	30	65	79
Nova Trento	Estabelecimentos	42	65	67	65	93	124
	Pessoal Ocupado	77	123	162	194	169	364
Palhoça	Estabelecimentos	181	155	260	233	1.027	1.406
	Pessoal Ocupado	251	268	517	619	1.793	3.277
Paulo Lopes	Estabelecimentos	-	30	53	46	63	87
	Pessoal Ocupado	-	36	89	120	111	200
Rancho Queimado	Estabelecimentos	-	14	23	21	16	34
	Pessoal Ocupado	-	27	36	37	22	64
Santo Amaro da Imperatriz	Estabelecimentos	80	77	81	72	243	266
	Pessoal Ocupado	134	120	254	234	443	703
São Bonifácio	Estabelecimentos	-	12	25	23	50	42
	Pessoal Ocupado	-	28	73	51	157	47
São João Batista	Estabelecimentos	77	111	98	75	147	189
	Pessoal Ocupado	118	197	226	255	349	664
São José	Estabelecimentos	127	214	570	697	2.987	3.959
	Pessoal Ocupado	259	536	2.356	4.643	6.367	13.300
São Pedro de Alcântara	Estabelecimentos	-	-	-	-	-	40
	Pessoal Ocupado	-	-	-	-	-	81
Tijucas	Estabelecimentos	105	140	135	121	283	433
	Pessoal Ocupado	159	202	263	324	568	1.323

Fontes: Censo Comercial do Brasil- IBGE - 1960 - 1970 - 1980 (apud Meurer, 2004, p. 38).

Censos Econômicos - IBGE - 1985 - municípios região Sul.

SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.

Tabela D Prestação de Serviços - Estabelecimentos e Pessoal Ocupado nos municípios que compõem a Mesorregião Setor Comercial - Grande Florianópolis 1960 – 2000

Região	Categoria	1960	1970	1980	1985	1996	2000
Águas Mornas	Estabelecimentos	-	3	10	11	12	41
	Pessoal Ocupado	-	5	19	95	120	152
Angelina	Estabelecimentos	-	20	17	3	26	40
	Pessoal Ocupado	-	28	34	4	75	107
Anitápolis	Estabelecimentos	-	4	26	14	17	33
	Pessoal Ocupado	-	8	56	40	20	33
Antonio Carlos	Estabelecimentos	-	19	12	6	39	75
	Pessoal Ocupado	-	22	16	8	42	310
Biguaçu	Estabelecimentos	38	33	85	92	217	257
	Pessoal Ocupado	66	70	249	315	564	629
Canelinha	Estabelecimentos	-	21	31	17	35	47
	Pessoal Ocupado	-	32	60	50	76	168
Florianópolis	Estabelecimentos	226	464	1.307	1.166	6.033	9.201
	Pessoal Ocupado	872	1.871	14.467	14.778	40.868	53.160
Garopaba	Estabelecimentos	-	2	27	17	139	198
	Pessoal Ocupado	-	x	68	69	269	454
Governador Celso Ramos	Estabelecimentos	-	6	9	18	41	79
	Pessoal Ocupado	-	8	19	41	92	173
Leoberto Leal	Estabelecimentos	-	8	8	4	13	15
	Pessoal Ocupado	-	8	13	9	13	14
Major Gercino	Estabelecimentos	-	12	8	4	19	28
	Pessoal Ocupado	-	15	16	8	28	73
Nova Trento	Estabelecimentos	40	33	28	22	37	73
	Pessoal Ocupado	58	48	75	44	91	175
Palhoça	Estabelecimentos	48	34	140	105	410	714
	Pessoal Ocupado	89	69	346	471	1.042	2.892
Paulo Lopes	Estabelecimentos	-	5	18	12	28	51
	Pessoal Ocupado	-	-	47	48	1.407	1.879
Rancho Queimado	Estabelecimentos	-	6	7	5	11	49
	Pessoal Ocupado	-	14	13	8	10	37
Santo Amaro da Imperatriz	Estabelecimentos	39	30	78	55	80	180
	Pessoal Ocupado	92	62	180	385	676	677
São Bonifácio	Estabelecimentos	-	4	11	16	26	24
	Pessoal Ocupado	-	6	29	36	110	13
São João Batista	Estabelecimentos	33	61	86	45	64	90
	Pessoal Ocupado	47	90	188	130	171	181
São José	Estabelecimentos	42	72	400	313	1.411	2.240
	Pessoal Ocupado	73	104	1.119	1.689	7.836	9.705
São Pedro de Alcântara	Estabelecimentos	-	-	-	-	-	47
	Pessoal Ocupado	-	-	-	-	-	173
Tijucas	Estabelecimentos	49	75	76	36	107	253
	Pessoal Ocupado	87	109	128	80	425	797

Fontes: Censo de Serviços - IBGE - 1960 - 1970 – 1980

Censos Econômicos - IBGE - 1985 - municípios região Sul.

SIDRA - Banco de Dados Agregados IBGE - Tabelas 1734 e 1735 - 1996-2000.